

O PERCURSO DA EXPEDIÇÃO EM BUSCA DAS MINAS DE PRATA NO RIO GRANDE HOLANDÊS EM 1650

Levy Pereira.

Introdução

Onde a expedição holandesa prospectou minério de prata, em 1650, no Rio Grande do Norte? Essa questão secular perdura, tendo permeado o artigo *Minas de ouro e prata no Rio Grande do Norte - Explorações holandesas no Século XVII*, de Alfredo de Carvalho, historiador pernambucano, publicado nesta revista em 1905, que o conclui ponderando:

Pena é que modernamente não se tenha procurado verificar o que havia de verdadeiro nas explorações do século XVII, examinando as regiões de que foram objeto.¹

Alfredo de Carvalho retornou a esse assunto, em 1907, nessa mesma revista, publicando as informações dos relatórios de duas autoridades neerlandesas que lideraram essa expedição, o engenheiro Pieter Van Strucht e Jean Houck, bailio, ou juiz do Rio Grande, no artigo *Segunda Jornada de Pieter Persijn em busca das Minas de Itabayana*.²

Alfredo de Carvalho, ao redigir seu artigo de 1907, o baseou em traduções dos relatórios Strucht e Houck, de sua própria autoria, os quais contêm detalhes de locais e distâncias percorridas pela expedição, fundindo-os numa interpretação sintética dos fatos, resultando, por consequência, em uma interpretação com a supressão de alguns detalhes importantes para a interpretação geográfica dos locais e percursos citados, e, lastimavelmente, não publicou as traduções desse relatórios.

Mais recentemente, em 1989, o roteiro dessa expedição foi abordado pelo historiador potiguar Olavo Medeiros Filho, baseado nos artigos de Alfredo Carvalho citados, e em suas pesquisas em campo, e que não se intimidou com algumas quase intransponíveis dificuldades em propor-lhe uma solução, ao escrever, no seu livro *No rastro dos Holandeses*, o capítulo intitulado *As Minas de Camarajibe e Iporé (1650)* buscando

... tecer ligeiros comentários, principalmente de cunho geográfico, esclarecendo e identificando aqueles acidentes naturais, percorridos e encontrados pelos companheiros de Pieter Persijn, quando da sua incursão pelo território norte-riograndense, à procura das minas de Camarajibe e Iporé.³

Não surgiram novas fontes primárias até que, em 1995, foi publicado na Alemanha o diário do soldado alemão Peter Hansen, da guarnição do Castelo Keulen⁴, ainda inédito em português⁵, que trouxe mais informações e renovou o interesse nessa expedição.

Percebeu-se, quando comparadas, haver algumas diferenças entre as informações de Hansen e as dos relatórios oficiais, e, por não se dispor da versão em português dos relatórios manuscritos em holandês arcaico, e, por enquanto, da tradução na íntegra do diário do soldado a serviço dos neerlandeses, redigido em alemão, o professor Benjamin Nicolaas Teensma encarregou-se dessa lacuna, procedendo a tradução dos relatórios e do fragmento do diário Hansen relativo às suas anotações dessa expedição, e, focado nesses documentos,

¹ (CARVALHO, 1905; pg. 165).

² (CARVALHO, 1907). Itabayana, Itabaiana, foi o nome do monte no Rio Grande do Norte, citado falaciosamente por João de Albuquerque aos holandeses, na *Memória sobre o monte Itabayana*, escrita em setembro de 1649, como o local onde haveria uma mina de metais preciosos explorada pelos portugueses, o que os instigou a enviar, no final de 1649, o explorador neerlandês Pieter Persijn a procurá-la, e ele reportou a coleta de minérios em três locais. Na segunda expedição, a do início de 1650, o fabuloso monte Itabaiana passa a ser designado de Itabiraba, Utataparaba, e Itaberaba.

³ (MEDEIROS Filho, 1989; p. 87).

⁴ *Casteel Keulen* foi a denominação dada ao Forte dos Reis Magos durante a ocupação neerlandesa.

⁵ No momento, está no prelo a tradução integral do diário de Hansen, feita por B. N. Teensma, na edição desse diário pelo historiador pernambucano Bruno Romero Ferreira Miranda.

redigiu o artigo *Os Mocós da Itabiraba do Córrego Retorto*⁶, publicado nesta revista, circunstanciando esse episódio de nossa história.

A interpretação do trajeto e locais citados no texto de Olavo de Medeiros Filho, redigido conforme as fontes disponíveis naquele momento, o conduziu à identificação do riacho denominado *Kromme Rivier*, o Riacho Recurvo, Riacho Tortuoso, ou Riacho Retorto, como sendo o Riacho Santa Rosa, afluente da margem direita do Rio Potengi, que, como se verifica no artigo de Teensma acima citado, conflita com os detalhes da situação da foz desse riacho registrados nos relatórios de Strucht e Houck, e omitidos no artigo de 1907 de Alfredo de Carvalho⁷.

No final do texto, Olavo de Medeiros Filho expõe o argumento principal para sua interpretação de que o Riacho Santa Rosa é o Riacho Recurvo:

Em um outro artigo, do mesmo Alfredo de Carvalho, intitulado MINAS DE OURO E PRATA NO RIO GRANDE DO NORTE — Explorações Holandesas no século XVII, publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (Vol. III — número 1 — Janeiro 1905), em que o autor transcreve o texto de uma carta dirigida, a 16 de dezembro de 1649, pelos Membros do Conselho aos Diretores da Companhia, consta:

"Pieter Persyjn só foi encontrar minério ao sul do rio Potengi, nove milhas mais para o interior e a W S W do forte Ceulen, conforme claramente se depreende do mapa ou roteiro que nos apresentou o mesmo Pieter Persijn e vos será remetido oportuna mente (5:164)".

A indicação de encontrar-se a mina de Iporé localizada no sentido oeste-sudoeste, em relação ao Castelo Keulen, vem confirmar que aquela pretensa mina ficava, realmente, nas cabeceiras do riacho Santa Rosa, na Serra da Tapuia, no atual município de Sítio Novo — (RN).⁸

Considera-se esse argumento insuficiente para tal, pois o rumo oeste-sudoeste é o rumo geral do Rio Potengi, da sua foz junto ao Castelo Keulen, até sua nascente, e a citação na carta de 1649 é específica para a Mina do Camaragibe, distante 9 léguas, não a do Iporé, distante 26 a 27 léguas holandesas.

Constatada essa diferença com a interpretação de Olavo Medeiros quanto ao *Kromme Rivier*, todavia, reconhecendo-se a sua valiosa e inquestionável contribuição para a identificação dos percursos e locais até próximo à foz desse riacho no Potengi, e a eficiência do seu método investigativo, estudando mapas e realizando visitas de inspeção aos possíveis locais em tela, este artigo revisita, no rastro desse insigne historiador potiguar, os aspectos geográficos dessa expedição de 1650, à luz das novas informações, destacando-se as concordâncias, e diferenças, com a sua interpretação de 1989.

Há, no caso dessa expedição, relativa abundância de fontes primárias e secundárias tratando de seu percurso e locais visitados: dois relatórios oficiais, um diário, dois mapas

⁶ O mocó, o roedor *Kerodon rupestris*, tem como habitat a caatinga, vive em fendas de rocha e, altamente sociáveis, forma grupos com dezenas de indivíduos - vide http://animaldiversity.ummz.umich.edu/accounts/Kerodon_rupestris/, acesso em 10/8/2014. O termo utilizado nos textos originais é *ratte*, rato, que designa todos os pequenos roedores silvestres. MARCGRAVE (1648), Cap. VI - Várias espécies de coelhos selvagens, cita o que denominava-se 'rato' na época:

@ pg. 223: "APEREA (termo indígena). Veldratte ou Boschratte (em flamengo)."

@ pg. 224: "A palavra Cavia dos indígenas aplica-se a todos os ratos silvestres, *Ratos do matto* como dizem os portugueses."

HANSEN (1995, pg. 87) ao informar que eles "nos serviam também de alimento, porque havia muitos deles nas fendas das rocas, e eram muito saborosos", indicando assim onde viviam, praticamente identifica esses animais como mocós, conforme constatado nas visitas. O mocó ainda abunda nos vales do Riacho do Boqueirão e Poço dos Cavalos.

⁷ (CARVALHO, 1907; p. 166.

⁸ (MEDEIROS Filho, 1989; p. 96-97).

neerlandeses coevos⁹, e quatro textos modernos tratando desse assunto. No entanto, ainda perduram ou afloram novos problemas, especialmente os relacionados às incongruências na toponímia, e nas distâncias citadas nos relatórios oficiais de Strucht e Houck¹⁰ e no diário de Hansen¹¹.

E a conceituação de mina, nesse contexto, merece considerações: Peter Hansen registrou que haveria na Utataparaba uma galeria escavada por portugueses, onde havia velhos carrinhos, todavia, considera-se isso possível licença literária e entende-se por minas, neste estudo, os locais prospectados recolhendo-se amostras de minério, ou seja, locais com afloramento de minérios, que, pelo que hoje se conhece, minérios que certamente não continham prata.

Metodologia adotada

O presente estudo visa a localização geográfica probabilística¹² dos locais citados na documentação histórica e nos textos de Alfredo de Carvalho, Olavo Medeiros Filho e Benjamin Teensma. O primeiro passo foi estabelecer as tabelas dos topônimos citados, com suas variantes de grafia e características, e das etapas e dos percursos, com as distâncias nas unidades de comprimento citadas, léguas holandesas e passos duplos. A seguir, cotejou-se os textos primários, buscando as coincidências e ambiguidades, procurando estabelecer uma gradação das informações conflitantes segundo sua confiabilidade. Em suma, realizar uma análise lógica dos relatos, procurando identificar as etapas e trajetos que coincidiram.

O passo seguinte consistiu em desenvolver a análise do ponto de vista geográfico, convertendo as distâncias em léguas holandesas em uma unidade de comprimento moderna¹³, quilômetros, e plotando os locais e percursos, ou seja, georreferenciando-os no GIS Google Earth¹⁴, o que possibilitou:

- ⊕ Obter medidas de percursos sinuosos entre dois pontos.
- ⊕ Visualizar o terreno.
- ⊕ Marcar pontos, trechos de rios, lagoas, e trajetos com cores e símbolos.
- ⊕ Utilizar camadas com a imagem de mapas modernos¹⁵.
- ⊕ Avaliar alternativas de estudo.
- ⊕ Produzir imagens, ou esquemas elucidativos.

⁹ *Præfecturæ de Paraíba, et Rio Grande*, (Marcgrave, 1647) e *Capitania de Rio Grande* (Anônimo, circa 1640), que plotam a região litorânea até a foz do rio Camaragibe.

¹⁰ (STRUCHT, 1650) e (HOUCK, 1650).

¹¹ (HANSEN, 1995).

¹² A localização de um local, região ou trajeto histórico pode ser precisa, quando sua localização é bem conhecida e sem dúvida alguma, tal como o Forte dos Reis Magos e a lagoa Jacaré-Mirim, enquanto outros terão localização probabilística, aproximada, conforme os dados disponíveis, ou seja, sua posição verdadeira situa-se num círculo de raio diretamente proporcional ao grau de incerteza e com centro na posição considerada a mais acertada. E há gradações nessa ubicação probabilística: por exemplo, a casa de Dirck Mulder, o Rodrigo Mollero, situa-se próximo ao atual bairro de Rego Muleiro, no município de São Gonçalo do Amarante-RN, está assinalada no mapa de de Marcgrave, e assim tem localização probabilística melhor do que o poço no Rio Potengi conhecido como Caycatinga, com menos detalhes de suas características.

¹³ Os fatores de conversão utilizados foram:

1 légua holandesa = 5649 m (PEREIRA & CINTRA, 2014; pg. 16),

1 légua holandesa = 1 légua horária holandesa = 3000 passos duplos (HANSEN, 1995; pg. 89), e

1 passo duplo = 3/2 côvados = 1,883 m (HANSEN, 1995; pg. 89).

¹⁴ GIS: *Geographical Information System*, nome da família de aplicativos de computadores para tratar Informações Geográficas;

Google Earth™ e Google Earth Pro™, aplicativo GIS bastante difundido, com imagens satelitais do terreno, de propriedade da Google Inc.

¹⁵ Essa facilidade da ferramenta permitiu, por exemplo, a visualização de imagens dos Mapas Municipais Estatísticos do IBGE superpostas às de satélite disponibilizadas no Google Earth.

Com essas informações, montou-se tabelas comparativas das distâncias das etapas e trechos citadas com as obtidas no georreferenciamento construído como solução nas hipóteses de trabalho, e confrontou-se os resultados obtidos nas hipóteses deste estudo com a solução proposta por Olavo Medeiros Filho.

Em seguida, aplicou-se a boa prática de Olavo Medeiros Filho, realizando-se visitas¹⁶ aos locais dos topônimos indicados pelo estudo, buscando-se comprovar a existência, ou não, das características descritas, obtendo-se imagens, registros de posições e trajetos com equipamento GPS¹⁷ - vide a Figura 1 e 2. Isso possibilitou um reajuste fino do posicionamento dos locais conforme suas características e aquelas observadas, por exemplo, deslocar-se a posição inicial da Mina de Itaberaba no leito do Riacho do Boqueirão, Hipótese 1, indicada numa várzea pelo critério da distância do ponto anterior, o Mijo de Ratos¹⁸, para um ponto mais a jusante, onde efetivamente há rocas de pedras.

Figura 1: Percurso da caminhada de 2,14 Km, a pé, ao olho d'água salobra no monte ao lado da Serra do Boqueirão, no sítio Rio Novo, município de Caiçara do Rio do Vento-RN, próximo à nascente do Rio do Vento, no dia 3/agosto/2014.



¹⁶ Realizou-se sete viagens de levantamento pelo vale do rio Potengi, percorrendo-se cerca de 2100 Km, e caminhou-se, por grotas de serras e vales dos riachos, inacessíveis a veículos fora de estrada, cerca de 10 Km, nas quais, além dos registros dos percursos e pontos de interesse, foram obtidos 1800 fotografias e 15 filmes.

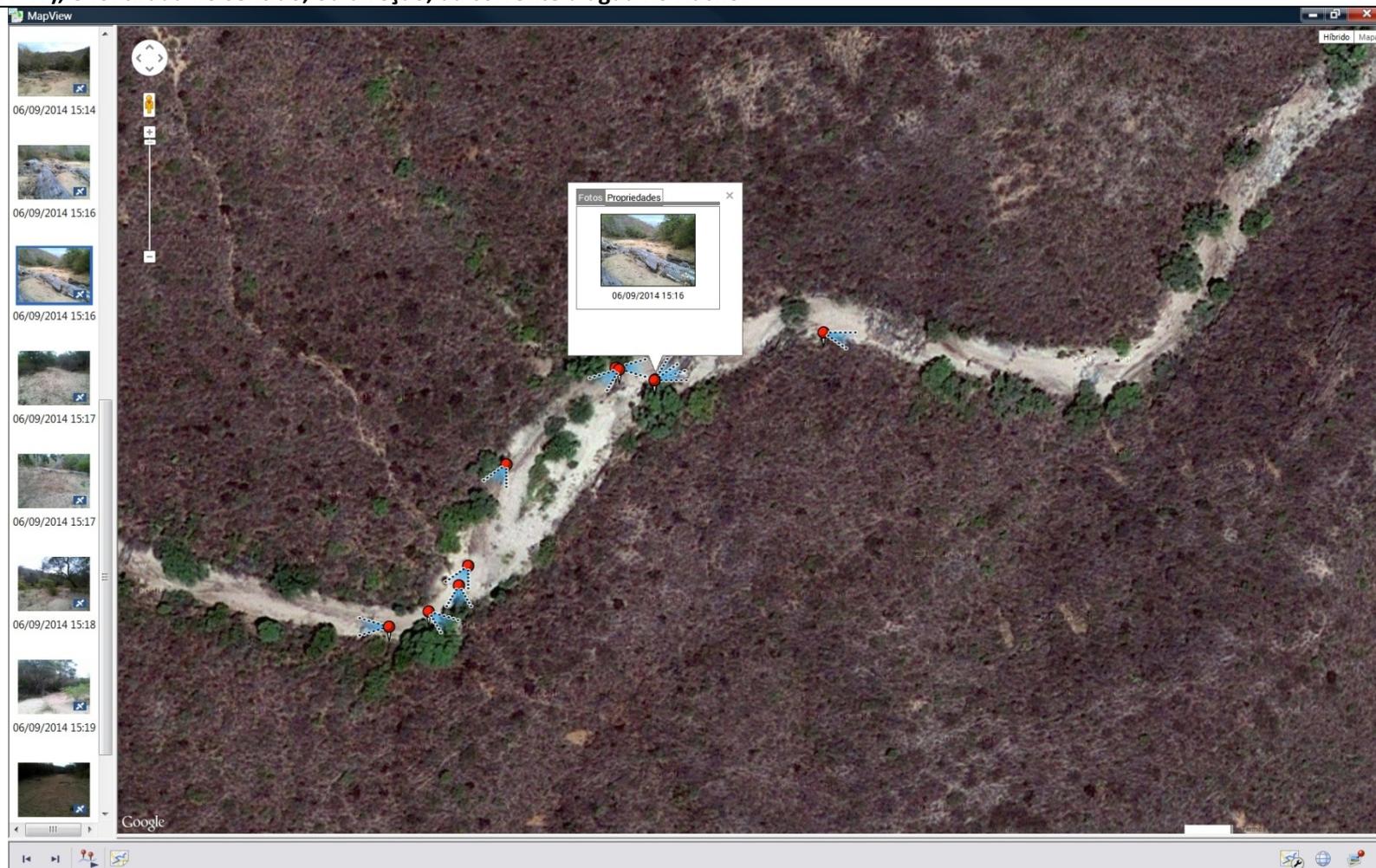
¹⁷ GPS: equipamento que permite locar precisamente a posição geográfica de pontos e trajetos utilizando os sistemas de navegação por satélites denominados *Global Positioning System* (Sistema de Posicionamento Global) e *GLONASS* (*Globalnaya navigatsionnaya sputnikovaya sistema*).

Utilizou-se nos levantamentos os seguintes equipamentos, cuja precisão no registro de posição e direção considerou-se adequada aos fins deste estudo:

- ✦ Garmin Montana 650, que, entre outras funcionalidades, pode tirar fotografias com o registro da posição e direção para onde a câmera está apontada;
- ✦ Iphone Apple 5S, com o aplicativo Theodolite Droid, para fotografias com registro de rumos;
- ✦ Câmera SONY Alpha 65, com GPS integrado, para fotografias com registro da posição.

¹⁸ Optou-se por denominar os animais que contaminaram a água de ratos, mantendo a denominação histórica coeva. Na nota 6, explica-se que esse roedor silvestre muito provavelmente é o mocó.

Figura 2: Visualização no programa Map View* da posição e direção registradas com GPS das fotografias batidas no leito do Riacho Poço dos Cavalos, durante a visita ao local estimado da Água da Sereia, na Hipótese 2. A posição da Fotografia 21, em destaque, tem as coordenadas (5°57'33.35"S 36°15'50.14"W), e foi tirada no sentido, ou direção, da corrente d'água no riacho.



* Map View é um aplicativo fornecido pela SONY Inc. para visualização da posição e direção de fotografias em mapas e imagens de satélite fornecidos pelo serviços cartográficos da Google Maps.

Os topônimos citados nas fontes históricas

Os textos certamente contêm, como constatado por Benjamin Teensma, variantes na grafia dos topônimos de origem tupi, portuguesa, neerlandesa, e mistos, escritos por autores, copistas, paleógrafos e historiadores, pessoas de grau cultural e língua-mater diferentes, resultando em corruptelas que dificultam o seu reconhecimento. Por essa razão, coletou-se e construiu-se a Tabela 1, onde constam os topônimos, suas naturezas, e as variantes das suas grafias nas fontes primárias e secundárias consultadas:

- ✦ Textos paleografados e traduções do prof. Teensma dos relatórios de Strucht e Houck, e no diário de Hansen;
- ✦ Artigos de Alfredo de Carvalho (1905 e 1907) e Olavo Medeiros Filho (1989);
- ✦ Mapas coevos, o *Præfecturæ de Paraiba, et Rio Grande* (Marcgrave, 1647) e o *Capitania de Rio Grande* (Anônimo, circa 1640).

O objetivo dessa Tabela consiste em relacionar os topônimos envolvidos, conforme citados nas várias fontes, permitindo, dessa forma, o seu reconhecimento, e facilitando o entendimento das informações de suas características.

Além dos topônimos, há, nos textos, locais sem nome específico e genericamente descritos, no entanto, alguns deles identificáveis examinando-se mapas modernos, por exemplo os trechos no Rio Potengi descritos com rumos, e outros, reconhecidos pela visita *in loco*, mas, mesmo assim, restam outros que apresentam alto grau de incerteza na sua localização, sendo a maioria destes, comparativamente, os citados no relato de Peter Hansen.

Tabela 1: Topônimos do percurso da expedição neerlandesa no Rio Grande, em 1650.		
Topônimo	Natureza	Nomes nas fontes
Água da Sereia	poça d'água lagoinha	Água da Sereia; Lagoa da Sereia; Mereminnewaeter; Mereminnewater; local mal assombrado Água das Sereias
Apitange	serra monte	Apitange; Itapiranga Apitanga; Monte Apitanga; Serra Vermelha
Caicatinga	local de pernoite	Caicatinga; Caricatinga; Caeycattinga; Caycatinge; CajeCatinga; Gayoatinge Cary-catinga; Carycatinga
Cajueiros	campina	campina dos cajueiros
Camaragibe	rio mina de prata	Camaragibe; Camarasibi; Camarasiby; Camaresiby; Camarasiba; Camarisibe; Camarisibe; Cammerasiba Camarajibe R. Camarigiūij
Capiboretouba	Riacho Retorto	Capiboretouba; Capipo-rie-Retouba; Capibo-re-Retouba; Riepe Ratuba Capibari-retuba
Ceutdawe	barragem natural	Ceutdauwe; Sjeutdauwe; stuwdamme
Claes Claenz	casa incendiada	casa de Claes Claenz; casa de Maria Magalhães
Cuité	local de pernoite	Cuité; Coyeté; Coyete; Coyata; Coyate Coyté
Dirck Mulder	casa portinho fluvial do Córrego dos Guajirus	Dirck Mulder; Rodrigo Mollero; Rego Muleiro Rego Moleiro
Domingos Lopes	casa incendiada	casa de Domingos Lopes
Forte do Rio Grande	forte	Forte do Rio Grande; Castelo Keulen Cafteel (Fort) Keulen Castelo Keulen do Rio Grande; Castelo de Rio Grande; Forte Keulen; Forte dos Reis Magos Forte de Ceulen; Forte Ceulen; Fortaleza dos Reis Magos
Francisco Macedo	casa incendiada	casa de Francisco Macedo Majedo
grande lagoa	grande lagoa de boa água	lagoa próxima ao curral de J. Francisco, Lagoa da Bela Vista
Iberibetou	monte	Iberibetou Ibetibecu
Iporé	Lagoa ou riacho	Iporé

Tabela 1: Topônimos do percurso da expedição neerlandesa no Rio Grande, em 1650.		
Topônimo	Natureza	Nomes nas fontes
Itabiraba	Monte; serra mina de prata	Itabiraba; Yta-ta-paraba; Ita-ta-beraba; Itaberaba; Utataparaba
Itabita	monte pedregoso local de pernoite	monte pedregoso na m.e. do Potengi; Itabita; Utapemba Serrote Pedra Branca; riacho Itabita
Jacaré-Mirim	lagoa	Jacaré-Mirim ; Siackere marijn; Siacker Remarijn; Jacare mirijn Jacare mirim; jackremerj Jacaré-mirim; Jacaremirim lararémirĩ
Jan Galdron	montes	montes de Jan Galdron
Jan Houck	casa incendiada	casa de Jan Houck; casa do bailio Honck; Hoeck
Jan Vergeson	acampamento	Acampamento de Jan Vergeson; Quartel de João Vergeson Posto de Jan Vergeson
Joan Assoud	aldeia	Aldeia de Joan Assoud Aldeia de João Assu; Aldeia de João Açu
João Francisco	curral	curral de João Francisco Jan Fr^a. ; Jan fr^o. ; Jan Francisco
Krombeek	córrego próximo a Jacaré-Mirim,	riacho Krombeek; Coandĩ (possivelmente).
Kromme Rivier	Riacho vide Capiboretouba	Kromme Rivierke; Riacho Recurvo; Riacho Retorto; Riacho Curvado; Riachinho Curvado; Rio Curvado; Córrego Retorto; Riacho Tortuoso Riacho Tortuoso.
local do banho	poça d'água no Potengi local de amostragem	
Major Garstmans	casa incendiada	casa do Major Garstmans
Maria Magalhães	casa incendiada	casa de Maria Magalhães casa de Claes Claenz
Mereminnewater	vide Água da Sereia	
Mijo de Ratos	local de pernoite	Mijo de Mocos ; Rottenpisaeter; Rottenpaswaeter; Rottepiswater; Água do Mijo de Mocos Mijo de ratos
Outezapoua	monte	Outezapoua; Outezakwa Utezarva
Pabuna	riacho	Riacho Pabuna Paboena
Paraupaba	acampamento de brasilianos	Paraupaba; Perupaba; acampamento de Antonio Perupaba Antonio Paraupaba laragoa (aldeia de Paraopaba)
plantações	roças	roças de brasilianos; plantações de brasilianos
Potengi	rio distrito	Potesy; Potesey; Potesij; Potengi Potenji Potĩĩ ; Potiĩ; Potijĩ;
Riacho Retorto	riacho	Cromme Reviercke(n); Cromme Reviere; Crom Reviercken; Croom Reviercken; Riacho Retorto; Corrego Retorto; Riacho Curvado Riacho Tortuoso
Riepe Ratuba	Vide Capiboretouba	
Rio Grande	Rio	Rio Grande; Rio Potengi
Rottepiswater	vide Mijo de Ratos	
Tabiane	local de pernoite	margem do Potengi
Tabouquaba	monte	Tabouquaba Tabuquaba
Tingsiade	poça d'água local de pernoite	Tingsiade; Tingeciade; Tingeyado Tinguijada
Utapemba	altíssima roca (margem do Potengi)	Utapemba; Itabita.
Utataparaba	Vide Itabiraba	
<p>Nota: os topônimos atuais estão destacados em negrito. Legenda das fontes documentais:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Paleografias e traduções do prof. Benjamin Nicolaas Teensma • Textos de Alfredo de Carvalho e/ou Olavo Medeiros Filho • Mapas de Marcgrave e Vingboons 		

Benjamin Teensma observa que a região no alto Potengi citada nos textos da documentação primária da expedição em tela é a mesma visitada por Roulox Baro em 1647¹⁹. Outezapoua, Outezakwa, Uterzawa designa um monte próximo à aldeia de Joan Assoud, que, pelas circunstâncias, podem ser o mesmo monte e aldeia citadas na *Relation dv voyage de Roulox Baro*, como "la montagne Matiapoa" e "l'Aldeee Terapissima, le chef de laquelle estoit lean Vvioauin"²⁰, e no artigo *A viagem de Roulox Baro ao País dos Tapuias (1647)*, de Olavo Medeiros Filho, onde são designados de "morro Matiapoa" e "aldeia Terapissima, cujo chefe era João Vvioauin"²¹.

As etapas percorridas segundo Strucht, Houck e Hansen

A expedição, para efeito de estudo do ponto de vista geográfico, pode ser dividida em quatro trechos distintos:

- ⊕ Trecho 1: entre o *Casteel Keulen*, o Forte dos Reis Magos, e a mina na margem sul do Rio Potengi, a Mina do Camaragibe;
- ⊕ Trecho 2: entre a Mina do Camaragibe e a foz do *Kromme Rivier*²²;
- ⊕ Trecho 3: subindo o *Kromme Rivier* até alcançar o Iporé;
- ⊕ Trecho 4: o retorno, do Iporé ao Forte dos Reis Magos.

O Trecho 1, entre o Forte do Rio Grande e a Mina do Camaragibe, pela sua relativa proximidade do litoral, é o único que pode ser visualizado em mapas neerlandeses coevos (Figura 3). Assume-se que, na última etapa do regresso, entre a casa de Dirck Mulder e o Forte do Rio Grande, a travessia do Rio Potengi tenha sido feita por bote, partindo do porto na Redinha²³. Não parece provável que, após saírem da casa de Dirck Mulder, próxima ao portinho de seu proprietário, no rio *Guajai*²⁴, tenham atravessado a vaú do Rio Jundiá²⁵ nas proximidades da *Cidade Noua*²⁶, ou seja, próximo do Engenho do Ferreiro Torto²⁷, ou num vaú mais a montante, pois essa hipótese configura um arroteio de cerca de 28 Km, ou 5 léguas holandesas.

Dos relatos de Strucht e Houck e do diário de Hansen vertidos por BenjaminTeensma²⁸, constrói-se as Tabelas 2 e 3, sintetizando as distâncias percorridas nas etapas de cada trecho, e a Tabela 4, com os percursos diários e o de algumas etapas, evidenciando as coincidências e diferenças nas distâncias mencionadas.

¹⁹ (TEENSMA, 2014; fol. 3); (BARO, 1651).

²⁰ (BARO, 1651; pg. 205, 207, 208, 236).

²¹ Olavo Medeiros Filho (1989; pg.78-79, pg.82-83) *A viagem de Roulox Baro ...*

Robustecendo o argumento, observa-se a semelhança de corruptelas de grafias de Matiapuã no topônimo Poteapua, que designa um monte na Capitania de Sergipe, na ITAPVAMA, no mapa *Brasilia qua parte paret Belgis* (MARGGRAPHIUS, 1647). Vide [http://lhs.unb.br/biblioatlas/Poteapua_\(serra\)](http://lhs.unb.br/biblioatlas/Poteapua_(serra)), acesso em 1/9/2014.

²² Rio Tortuoso, Rio Retorto, ou Riacho Recurvo.

²³ Porto de pesca, na margem direita e na foz do Rio Potengi - do lado oposto ao Forte dos Reis Magos.

²⁴ Riacho do Rego Muleiro.

²⁵ *Nhumdiái* no mapa *Præfecturæ de Paraíba, et Rio Grande* (Marcgrave, 1647); *Rº do Marççs* no mapa *Capitania de Rio Grande* (BAV Reg. Lat. 2106, f. 035).

²⁶ *nieu Jtaðt* no mapa *Capitania de Rio Grande* (BAV Reg. Lat. 2106, f. 035).

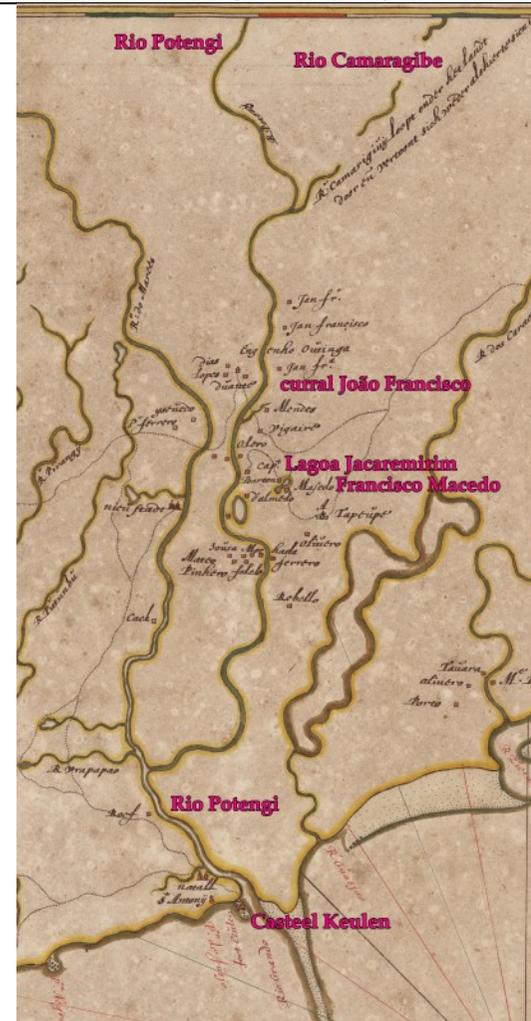
²⁷ Engenho na margem direita do Rio Jundiá, não mapeado nos mapas do Brasil Holandês, e possivelmente estabelecido após 1654.

²⁸ (TEENSMA, 2014).

Figura 3: Locais e percursos da expedição neerlandesa em 1650, entre o Forte do Rio Grande e a Mina do Camaragibe, nos mapas neerlandeses coevos.



Mapa Præfecturæ de Paraíba, et Rio Grande (Marcgrave, 1647).
Biblioteca Nacional de España, GMG/1121 - fol. 147.



Mapa Capitania de Rio Grande (circa 1640).
Biblioteca Apostólica Vaticana, Reg. Lat. 2106, f. 035

Tabela 2: Etapas e distâncias mencionadas nos relatórios Strucht & Houck						
Pieter Van Strucht				Jan Houck		
data	etapa	Légua holandesa			etapa	
25/01/1650	01/1 Castelo Keulen @ portinho de Dirck Mulder	3	3	3	01/1 Castelo Keulen @ portinho de Dirck Mulder	
	01/2 portinho de Dirck Mulder @ riacho Pabuna	1	1	1	01/2 portinho de Dirck Mulder @ riacho Pabuna	
	01/3 Riacho Pabuna @ Lagoa Jacaré-Mirim	2	2	-	01/3 Riacho Pabuna @ Lagoa Jacaré-Mirim	
26/01/1650	02 Lagoa Jacaré-Mirim @ mina do Camaragibe	3	3	-	02 Lagoa Jacaré-Mirim @ mina do Camaragibe	
27/01/1650	03/1 mina do Camaragibe @ Coyeté	3	3	3	03/1 mina do Camaragibe @ Cuité	
	03/2 Coyeté @ Itabita	2	2	2	03/2 Cuité @ Itabita	
28/01/1650	04/1 Itabita @ poça no rio Potengi	2½	2,5	2½	04/1 Itabita @ poça no rio Potengi	
	04/2 poça no Rio Potengi @ Caycatinga	2+	2,3	2+	04/2 poça no Rio Potengi @ Caycatinga	
29/01/1650	05/1 Caycatinga @ Tingesiade	2+	2,2	2+	05/1 Caycatinga @ Tingeyado	
	05/2 Tingesiade @ foz Kromme Rivier	1	1	1	05/2 Tingeyado @ foz do Kromme Rivier	
				1	05/3 foz do Kromme Rivier @ Mereminnewater	
	05/3 foz do Kromme Rivier @ Mijo de Ratos	2	2	1	05/4 Mereminnewater @ Rottepiswater	
30/01/1650	06/1 Mijo de Ratos @ Itabiraba	½	0,5	½	06/1 Rottepiswater @ 2ª mina [Itabiraba]	
	06/2 Itabiraba @ Iporé	2	2	2	06/2 [2ª mina (Itabiraba) @ Iporé]	
	Total [Castelo Keulen @ Iporé]		26,5			
30/01/1650	06/3 Iporé @ ¼ légua além Mijo de Ratos	¾	*		06/3 Iporé @ ¼ légua além Mijo de Ratos	
31/01/1650	07 [¾ légua além Mijo de Ratos @ ½ légua oeste Itabita]	8¾	*		07 [¾ légua além Mijo de Ratos @ ½ légua oeste Itabita]	
01/02/1650	08 [½ légua oeste Itabita @ Mina do Camaragibe]	5½	*		08 [½ légua oeste Itabita @ Mina do Camaragibe]	
02/02/1650	09 Mina do Camaragibe @ casa de Dirck Mulder	6	*		09 Mina do Camaragibe @ casa de Dirck Mulder	
03/02/1650	10 casa de Dirck Mulder @ Castelo Keulen	3	*		10 casa de Dirck Mulder @ Castelo Keulen	

* distâncias calculadas com base nas distâncias registradas na ida do Forte ao Iporé.

Na Tabela 2, acima, nota-se que Jan Houck omitiu no seu relatório as distâncias das etapas [01/3 Riacho Pabuna @ Lagoa Jacaré-Mirim] e [02 Lagoa Jacaré-Mirim @ mina do Camaragibe], lacunas supridas com as anotações do engenheiro Strucht²⁹.

²⁹ Alfredo de Carvalho (1907; pg. 163) cita a existência de raros pontos omissos no relatório de Houck completados com dados de Strucht.

Tabela 3: Etapas e distâncias anotadas em léguas holandesas no diário de Peter Hansen.				
data	etapa	Légua		Observação
26/1/1650	01 Castelo Keulen @ Jacaré-Mirim	-		
27/1/1650	02 Jacaré Mirim @ mina do Camaragibe	-		Camaragibe dista 9 léguas do Rio Grande.
28/1/1650	03 mina do Camaragibe @ Utapemba	4		local à margem do Potengi.
29/1/1650	04 Utapemba @ Caicatinga	5		sopé de uma alta roca, lagoa grande e profunda
30/1/1650	05 Caicatinga @ Tingeciade	2		lagoa, água boa.
31/1/1650	06/01 Tingeciade @ barra Riepe Ratuba	-		
	06/02 barra Riepe Ratuba @ Mijo de Ratos	2		sopé roca mui alta; água da chuva impregnada por fezes.
1/2/1650	07/01 Mijo de Ratos @ mina de prata	-		presume-se a mina de Utataparaba.
	07/02 mina de prata @ monte altíssimo	2		fonte de água salobra no sopé, escalam o monte.
2/2/1650	08 monte altíssimo @ Mina Utataparaba	2	2	descem o monte, passam pela fonte, chegam à mina.
5/2/1650	09 Mina Utataparaba @ Rio Potengi-½	3	3	presume-se pernoitarem á margem do Rio Potengi
6/2/1650	10 Rio Potengi-½ @ poça no Rio Potengi	5	5	pernoite junto à alta roca de pedra, com grande e profunda lagoa.
7/2/1650	11 poça no Rio Potengi @ Tabiane	6	6	
8/2/1650	12/01 Tabiane @ altíssima roca	2	2	passam pela altíssima roca, modelada como um castelo.
	12/02 altíssima roca @ Utapemba	2½	2,5	
9/2/1650	13 Utapemba @ Mina do Camaragibe	4	4	
10/2/1650	14 Mina do Camaragibe @ casa de Rodrigo Mollero	-	6	Não cita a distância; assume-se 6 por ter citado na ida 9, do Rio Grande à mina do Camaragibe; passam pela lagoa Jacaré-Mirim.
11/2/1650	15 casa de Rodrigo Mollero @ Castelo de Rio Grande	6	3	cita 6 léguas; constata-se ser equívoco.
Total [monte altíssimo (Iporé) @ Castelo do Rio Grande]			33,5	
Distância percorrida no retorno, conforme a contagem de passos por Peter Hansen:				
"no trajeto da nossa volta da mina de prata ao Rio Grande marchamos 96.578 passos duplos, sendo a norma para uma hora holandesa, ou légua horária, 3.000 passos de 3½ côvados" ³⁰ .				
passos duplos	Légua holandesa/Légua horária		Somatório das distâncias citadas nas etapas	
96578	32,2		31,5	Deduz-se 2 léguas do percurso total da expedição.

³⁰ (HANSEN,1995; pg. 89)

Tabela 4: Comparação de distâncias percorridas (em léguas holandesas) por dia de viagem e em etapas da ida com distâncias registradas.								
Por dia de viagem:								
Relatórios Strucht/Houck				Semelhança	Diário de Hansen			
dia	data	percurso	Légua		Légua	dia	data	etapa
1	25/1/1650	Castelo Keulen @ Jacaré-Mirim	6	↔	6	1	26/1/1650	Castelo Keulen @ Jacaré-Mirim
2	26/1/1650	Jacaré Mirim @ mina do Camaragibe	3	↔	3	2	27/1/1650	Jacaré Mirim @ mina do Camaragibe
3	27/1/1650	mina do Camaragibe @ Itabita	5	↔	4	3	28/1/1650	mina do Camaragibe @ Utapemba
4	28/1/1650	Itabita @ Caycatinga	4,7	↔	5	4	29/1/1650	Utapemba @ Caicatinga
5	29/1/1650	Caycatinga @ Mijo de Ratos	5,3		2	5	30/1/1650	Caicatinga @ Tingeciade
6	30/1/1650	Mijo de Ratos @ Mijo de Ratos- $\frac{3}{4}$ (*)	5,75		-	6	31/1/1650	Tingeciade @ Mijo de Ratos
7	31/1/1650	Mijo de Ratos- $\frac{3}{4}$ @ $\frac{1}{2}$ légua W Itabita	8,75		-	7	1/2/1650	Mijo de Ratos @ monte altíssimo
8	1/2/1650	$\frac{1}{2}$ légua W Itabita @ mina do Camaragibe	5,5		2	8	2/2/1650	monte altíssimo @ mina Utataparaba
9	2/2/1650	mina do Camaragibe @ casa Dirck Mulder	6		3	9	5/2/1650	mina Utataparaba @ rio Potengi- $\frac{1}{2}$ (**)
10	3/2/1650	casa Dirck Mulder @ Castelo Keulen	3		5	10	6/2/1650	rio Potengi- $\frac{1}{2}$ @ poça
					6	11	7/2/1650	poça @ Tabiane
					4,5	12	8/2/1650	Tabiane @ Utapemba
					4	13	9/2/1650	Utapemba @ mina Camaragibe
					6	14	10/2/1650	mina do Camaragibe @ casa Rodrigo Mollero
					3	15	11/2/1650	casa Rodrigo Mollero @ Castelo Keulen

(*) Mijo de Ratos- $\frac{3}{4}$ designa uma posição a $\frac{3}{4}$ de légua a jusante no Riacho Recurvo
(**) W = oeste
(***) rio Potengi- $\frac{1}{2}$ designa uma posição $\frac{1}{2}$ légua a jusante da foz do Riacho Recurvo

Em etapas da ida, citadas com as distâncias registradas:								
Relatórios Strucht/Houck				Semelhança	Diário de Hansen			
dia	data	percurso	Légua		Légua	dia	data	etapa
5	29/1/1650	05/1 Caycatinga @ Tingeyado	2,2	↔	2	5	30/1/1649	Caicatinga @ Tingeciade
5	29/1/1650	05/3 foz do Kromme Rivier @ Mereminnewater	1	} ↔				
5	29/1/1650	05/4 Mereminnewater @ Rottepiswater	1		2	6	31/1/1650	06/02 barra Riepe Ratuba @ Mijo de Ratos
6	30/1/1650	06/2 2ª mina [Itabiraba] @ Iporé	2	↔	2	7	1/2/1650	07/02 mina de prata @ monte altíssimo

Corroborando a observação de Benjamin Teensma³¹, verifica-se na Tabela 4 que todas as datas anotadas no diário de Hansen diferem das citadas nos relatórios oficiais.

A análise dos textos e das tabelas acima mostra que os relatos oficiais são mais ricos quanto aos detalhes para a identificação dos marcos de paisagem e locais de descanso ou pernoite, citando as distâncias nas etapas da viagem na ida do Forte do Rio Grande às minas, e contêm observações úteis e práticas a respeito dos recursos essenciais à futura exploração das minas, tais como disponibilidade de água, madeira, e terras para plantio nas suas vizinhanças, e guardam consistência entre si.

As informações de Hansen, no percurso de ida, comparativamente, são menos detalhados quanto à distância e descrição de marcos de paisagem, contudo, pode-se constatar que há boa coincidência das informações de distância com os relatórios oficiais para a maioria das etapas. Elas não destoam na distância entre o Forte do Rio Grande e Mina do Camaragibe, 9 léguas, e, no Trecho 2, entre a Mina do Camaragibe e a foz do Riacho Recurvo, ainda que haja algumas pequenas diferenças nessas distâncias, tais como citar 4 léguas entre a Mina do Camaragibe e o monte Itabita, enquanto Strucht e Houck citam 5. Também não se nota diferença significativa no Trecho 3, da foz do Riacho Recurvo até as cercanias do Iporé.

Hansen detalha todas as etapas do regresso, informando distâncias, e por isso, pode-se identificar o marco de paisagem Utapemba como o Itabita de Strucht e Houck, e permitir o cômputo da distância total do percurso de retorno do Iporé ao Forte do Rio Grande.

Presume-se, pelas evidências destacadas na Tabela 4, que, no retorno, possivelmente a expedição divide-se em dois grupos, um, o do engenheiro Strucht e o bailio Houck, que marchou sem carga, ligeiro, e outro grupo, no qual o soldado Hansen veio contando passos, mais lento, trazendo as amostras e ferramentas, sobrecarregado, e acompanhado pelo pessoal debilitado pela diarreia, ainda que essa possibilidade se contraponha ao registro de Hansen, que afirma "De toda esta viagem o Engenheiro Strucht fez um mapa completo e um relatório, e eu contei a seu lado todos os passos que marchamos."³².

Adicionalmente, Hansen informa a distância entre a mina de prata de Utataparaba, sita 2 léguas aquém do Iporé, e o Forte do Rio Grande, obtida pela contagem de 96578 passos duplos, e, para facilitar o entendimento dessa grandeza, também fornece o fator de conversão de passos duplos em léguas holandesas, 3000 passos duplos por légua holandesa. Aí detecta-se a primeira inconsistência em dados do próprio Hansen, ainda que pouco significativa: pela contagem de passos, essa distância é de 32,2 léguas holandesas, e, pela soma das etapas no retorno, 31,5 léguas³³.

Computando-se a soma das distâncias de cada etapa citadas pelo engenheiro Strucht e o bailio Houck, obtém-se 24,5 léguas, valor bem diferente do de Hansen, 31,5 léguas holandesas. Essa diferença de 7 léguas, entre os relatórios oficiais e o diário do soldado, como se constata, está praticamente concentrada no trecho percorrido no Rio Potengi, entre o Itabita/Utapemba e a foz do Rio Recurvo.

³¹ (TEENSMA, 2014).

³² (HANSEN, 1995; pg. 89).

³³ (HANSEN, 1995; pg. 89).

Já mencionou-se que há relativa concordância das distâncias anotadas por Hansen com as dos relatórios de Strucht e de Houck na ida, o que admite a suposição de que, como se constata nas Tabelas 2, 3 e 4, ele poderia ter, despercebidamente, dobrado o valor calculado em léguas holandesas das etapas do retorno, quando converteu suas contagens de passos duplos, entre o ponto de pernoite no dia 5/2/1650, a três léguas da mina de Utataparaba, o que implica que pernoitaram no leito do Rio Potengi, a meia légua a jusante da barra do Rio Recurvo, e o monte Utapemba/Itabita. Strucht e Houck citaram 8 léguas neste trecho, enquanto Hansen anota trechos, que somados, resultam exatamente no dobro dessa distância, 16 léguas holandesas.³⁴

A expedição neerlandesa de 1650 explorou, necessariamente, só um afluente do rio Potengi, mas as incongruências entre os dados contidos nos relatórios oficiais e no diário de Hansen, e as contradições entre os dados desse diário, levam a duas vertentes para a localização dos locais e percursos entre o Forte do Rio Grande e o Iporé neste estudo:

- 1) admitindo que os dados de Strucht e Houck estão corretos, o que configura a Hipótese 1, doravante denominada H1;
- 2) aceitando que os dados de Hansen estão corretos, constituindo a Hipótese 2, ou H2.

Assim, o Riacho Retorto tem, neste estudo, duas interpretações para sua identificação, baseada no georreferenciamento dos locais e distâncias interpretadas segundo as duas hipóteses acima explicitadas.

O georreferenciamento do Trecho 1, do Forte do Rio Grande à Mina do Camaragibe

O georreferenciamento no Google Earth™ do Trecho 1, entre o *Casteel Keulen*, o Forte do Rio Grande, atual Forte dos Reis Magos, e a mina na margem sul do Rio Potengi, a Mina do Camaragibe é construído relativamente sem dificuldades, pois todos os topônimos ou locais citados podem ser razoavelmente identificados. O procedimento de georreferenciamento praticamente resumiu-se a localizar os locais citados e uni-los com os trajetos existentes em PEREIRA (2008), e, por processo similar ao adotado nesse trabalho, estabelecendo percursos por antigos caminhos e pelo leito do Rio Potengi. Outro fator facilitador é não haver divergência entre os relatórios oficiais e o diário do soldado Hansen nesse trecho.

Alfredo de Carvalho registra uma citação da primeira visita, em 1649, de Peter Persijn, o guia da expedição de 1650, à mina na margem do Rio Potengi, presumivelmente próximo à foz do Rio Camaragibe:

... Pieter Persyjn só foi encontrar minério ao sul do rio Potengy, nove milhas³⁵ mais para o interior e a W SW do Forte Ceulen, conforme claramente se depreende do mappa ou roteiro que nos apresentou o mesmo Pieter Persijn³⁶ ...

A distância entre Forte e essa mina, próxima à foz do Rio Camaragibe, cerca de 9 léguas, está exagerada, como ver-se-á, e a melhor estimativa histórica encontrada é a de João de Albuquerque, passim Alfredo de Carvalho³⁷, seis milhas entre o Forte e a barra do Camaragibe, equivalendo a 6 léguas presumivelmente portuguesas, ou cerca de 36 Km.

³⁴ A aparente contradição, entre Strucht/Houck versus Hansen, da diferença no trecho do Forte à Mina Utataparaba/Itaberaba resultar 7 léguas, e no trecho de Utapemba à foz do Recurvo resultar 8 léguas, explica-se por haver 1 légua holandesa a mais nos relatórios de Strucht e Houck na etapa Mina do Camaragibe @ Itabita/Utapemba.

³⁵ Milha, no contexto, deve ser entendida como légua. A légua portuguesa, equivalendo a cerca de 6 Km, praticamente equivale à légua holandesa, 5,649 Km, para efeito de estimativas genéricas.

³⁶ (CARVALHO, 1905; pg. 165), trecho da carta (Brieven en Papieren uit Brazilie. Anno 1649. N^o 24.) do Supremo Governo do Brasil (Der Opper Regeeringe van Brasil), dirigida, a 16 de Dezembro de 1649, aos Diretores da WIC.

³⁷ (CARVALHO, 1905; pg. 161).

Parte do trajeto do Trecho 1 pode ser visto nos mapas neerlandeses³⁸, e os topônimos Castelo Keulen, Rio Potengi, portinho de Dirck Mulder, casa de Dirck Mulder, a aldeia do regedor Paraupaba, as casas junto à lagoa Jacaré-Mirim, a própria lagoa, e a rede de caminhos mapeados no mapa de Marcgrave³⁹, estão georreferenciados em PEREIRA (2010).

Os topônimos situados entre a lagoa e o Rio Potengi são mais incertos, mas, em mapas modernos, localiza-se facilmente a foz do Camaragibe, e o trecho desse rio onde o seu leito tem direção S.SE, o que estabelece bem a posição da área prospectada em busca de minério.

O estudo de Olavo Medeiros do Trecho 1 pode ser considerado correto, e, ao visitar os locais, esse historiador pôde comprovar *in loco* a descrição da situação dessa mina, já que localizou as rocas situadas na margem esquerda do Potengi e próximas à foz do Rio Camaragibe, conforme descritas nos relatórios⁴⁰. No entanto, cumpre notar que Alfredo de Carvalho interpretou que a mina apontada por Persijn situava-se à margem esquerda do Rio Potengi⁴¹, e Olavo de Medeiros o seguiu⁴², o que difere do relatório de Jan Houck, que a situa no canto leste da curva, presumivelmente do rio, na sua margem direita, descrevendo sua situação da seguinte forma:

E deste lugar o Potengi estende-se ao sul-sudeste. Marchamos até o fim desse trecho, onde Pieter Persijn nos indicou, ao lado esquerdo, no canto leste da curva, a última mina, da qual disse ter entregado ultimamente algum mineral aos Nobres e Poderosos Senhores.⁴³

O respectivo texto no relatório de Pieter Van Strucht é ambíguo:

Depois de continuar mais um trajeto ao sul-sudeste, Pieter Persijn nos indicou a primeira mina, da qual ele recentemente entregara algum minério, juntamente com minério da outra mina, aos Nobres e Poderosos Senhores. Acha-se, aproximadamente, a 9 léguas do Castelo Keulen na margem esquerda, ou seja a leste duma montanha, onde, pela seca, há muitas arvorinhas sem folhas, como durante o inverno na pátria.⁴⁴

Na margem esquerda, mas esquerda do que? Do percurso que seguiam, rio acima, ou conforme a moderna convenção geográfica para definir margem esquerda ou direita de cursos d'água? Assume-se, neste estudo, que as indicações de rumo e de lado nos relatórios oficiais e no diário de Hansen são referenciados em relação ao sentido da marcha no momento, e, dessa forma, a mina situa-se no lado esquerdo, canto leste da curva do rio, e, pela moderna concepção geográfica, na margem direita, lado sul, do Rio Potengi.

As Figuras 4 e 5, abaixo, mostram as imagens do georreferenciamento do percurso da ida no Trecho 1, e a Tabela 5, a comparação das distâncias citadas nos relatórios em léguas holandesas com as obtidas no georreferenciamento.

³⁸ Vide Figura 3.

³⁹ Mapa *Præfecturæ de Paraiba, et Rio Grande* [1647].

⁴⁰ (MEDEIROS Filho, 1989; p. 89, 90, 98 e 99).

⁴¹ (CARVALHO, 1907; pg. 164-165).

⁴² (MEDEIROS Filho, 1989; p. 90).

⁴³ (HOUCK, 1650; fol. 7).

⁴⁴ (STRUCHT, 1650; fol. 1).

Etapa/percurso	Relatórios		Georreferenciamento		Δ %
	Légua	Km	Km	Légua	
01/1 Castelo Keulen @ portinho de Dirck Mulder	3	16,9	11,6	2,1	32
01/2 portinho de Dirck Mulder @ riacho Pabuna	1	5,6	4,8	0,8	15
01/3 Riacho Pabuna @ Lagoa Jacaré-Mirim	2	11,3	4,6	0,8	59
Castelo Keulen @ Lagoa Jacaré-Mirim	6	33,9	21,0	3,7	38
02 Lagoa Jacaré-Mirim @ mina do Camaragibe	3	16,9	16,0	2,8	5
Castelo Keulen @ mina do Camaragibe	9	50,8	37	6,5	27
Fator de conversão: [1 légua neerlandesa = 5,649 Km]					
Δ % = diferença percentual entre a distância citada nos relatórios e a obtida no georreferenciamento					

As diferenças mais significativas entre as distâncias citadas e georreferenciadas ocorrem na etapa entre o Forte e o portinho de Dirck Muller, feita navegando o Potengi, e na entre o Riacho Pabuna e a lagoa Jacaré-Mirim, e nessa, isso configura um erro inusitado, já que suas posições e os percursos eram relativamente bem conhecidos pelos neerlandeses.

Cumprir notar que outra fonte histórica cita *Incareningi*, a lagoa Jacaré-Mirim, próxima à qual situava-se a casa de Roulox Baro⁴⁵, e o que havia em seus arredores, *la maison du Lieutenant Colonel*, a casa do Tenente Coronel Garsman (sic), o rio *Cammararibi*, o Camaragibe, o *chemin des Campinos*, o caminho da Campina, *l'Aldée des Brasiliens*, a aldeia dos brasileiros, o acampamento de Paraupaba: a Relação da Viagem de Roulox Baro⁴⁶, escrita em 1647. E, nas notas de MORISOT, este informa que o local onde situava-se a casa de Baro distava 5 a 6 léguas da casa de Garsman, junto ao *riuere Cammararibi*, um deslize evidente, já que na mesma frase cita e que a foz do *Cammararibi* no *Potingi*, que Baro redige como *Pottegie*, distava 5 ou 6 léguas do *chasteau*, o Castelo do Rio Grande⁴⁷. Em outra nota, a última, MORISOT informa que a casa de Baro situava-se *à six lieües du chasteau de Rio Grande*⁴⁸.

Contudo, pode-se supor que essa distância de 6 léguas, citada por MORISOT, fosse percorrendo caminhos por terra desde o *Cafsteel Keulen*, pela margem direita do Potengi, passando por *Natal*, *Keyfers croon*⁴⁹, a *Cidade Noua*⁵⁰, vau no *Nhumdiaĩ*, vau no *Acaiuari*⁵¹, vau no *Potĩĩ*⁵² próximo à foz do *Coandĩ*⁵³ e, finalmente, chegando a *Iararémirĩ*⁵⁴, cujo georreferenciamento indica ser de aproximadamente 31 km - vide os caminhos desenhados no mapa *Præfecturæ de Paraíba, et Rio Grande* na Figura 1.

⁴⁵ Carta de B.N.Teensma de 12/08/2014 ao autor: " ... é aconselhável observar que o nome Roulox é corruptela do neerlandês Roelof = Rodolfo".

⁴⁶ (BARO, 1651; pg. 198).

⁴⁷ (MORISOT, 1651; pg. 250), Nota 4.

⁴⁸ (MORISOT, 1651; pg. 307), Nota 86.

⁴⁹ Cidade misteriosa plotada no mapa, sobre a qual há especulações, e que, além da sua posição probabilística, pouco, ou quase nada se conhece.

⁵⁰ Cidade no vale do *Nhumdiaĩ* (Rio Jundiáí), que substituiria Natal como sede do Rio Grande Holandês. Esta cidade não desenvolveu-se, desaparecendo no limbo da história.

⁵¹ Nome atual: Rio da Prata.

⁵² Variante de grafia do nome do Rio Potengi nesse mapa.

⁵³ Riacho afluente do Rio Potengi, próximo do povoado Guanduba, município de São Gonçalo do Amarante-RN.

⁵⁴ Lagoa Jacaré-Mirim.

Figura 4: Georreferenciamento do percurso [Castelo Keulen @ Lagoa Jacaré-Mirim] no Trecho 1, na ida.

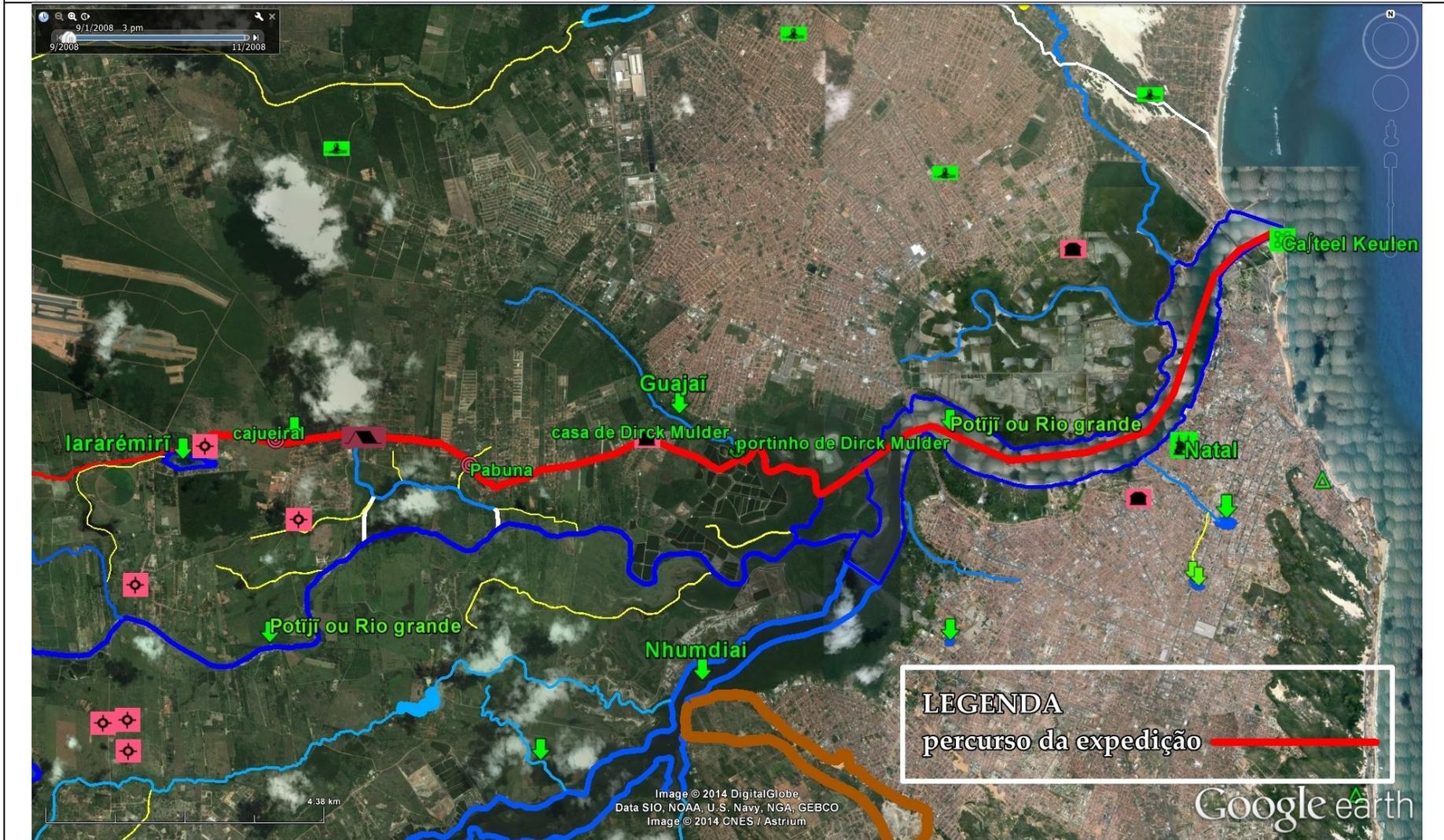
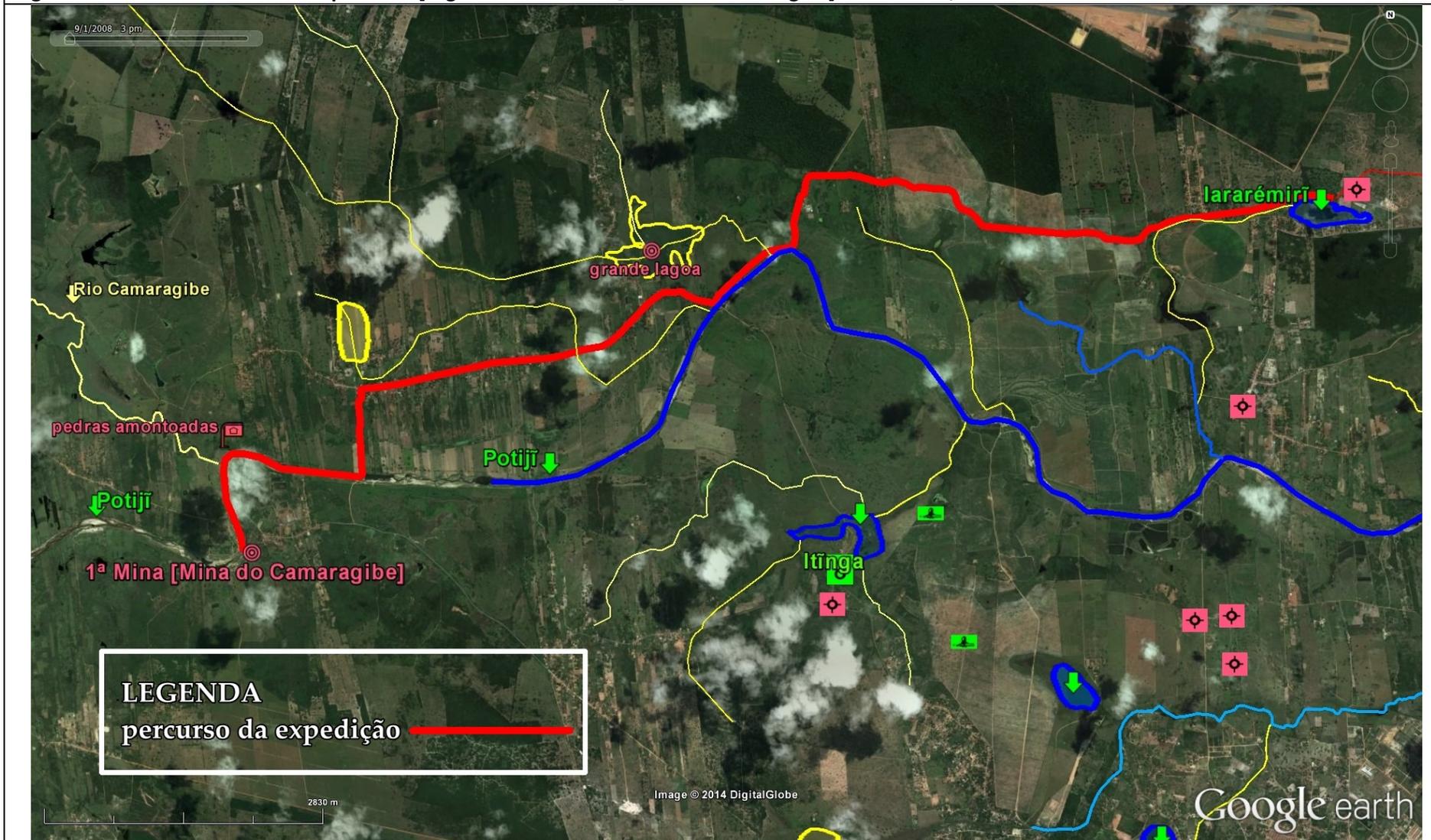


Figura 5: Georreferenciamento do percurso [Lagoa Jacaré-Mirim @ mina do Camaragibe] no Trecho 1, na ida.



O georreferenciamento do Trecho 2, da Mina do Camaragibe à Foz do Riacho Recurvo

O georreferenciamento no Google Earth™ do Trecho 2, entre a Mina do Camaragibe e a foz do Riacho Retorto, é o problema principal abordado neste estudo, pois, como já apontado, identificou-se uma diferença na distância percorrida no trecho de Caicinga até a barra do Kromme Rivier, ou Riacho Retorto, entre os relatórios oficiais, de Pieter Van Strucht e Jan Houck, e o diário do soldado Peter Hansen, de cerca de 5,7 a 7 léguas holandesas, o que nos leva a tratá-lo, como anteriormente explanado, de duas maneiras distintas, admitindo estarem corretos os dados de:

- ⊕ Strucht e Houck, o que configura a Hipótese 1, denominada H1;
- ⊕ Hansen, considerados na Hipótese 2, doravante citada como H2.

Neste Trecho 2 o processo de georreferenciamento baseia-se:

- ⊕ Na localização de um marco de paisagem que se assume ser o monte Itabita, ou Utapemba, no serrote atualmente conhecido como Pedra Branca, situado ao norte da cidade de São Pedro-RN, reconhecido como tal por Olavo Medeiros⁵⁵ pelas suas características, e com o qual concordamos - vide Fotografia 1.
- ⊕ Na ubicação sucessiva ou iterativa dos trajetos de cada etapa, ou seja, o trajeto de uma etapa é desenhada no mapa a partir do ponto final da etapa anterior, seguindo pelo leito do Rio Potengi, com suas curvas, até que o trajeto tenha um comprimento igual à distância citada para aquela etapa. Feito isso, examina-se as características da área próxima ao ponto final da etapa, e ajusta-se esse ponto, para mais ou para menos, conforme as características descritas e as que se pode observar nas imagens de satélite do Google Earth e nas visitas *in loco*.

Fotografia 1: Serrote da Pedra Branca, visto do leito do Rio Potengi.



⁵⁵ (MEDEIROS Filho, 1989; p. 91 e 100).

O georreferenciamento do Trecho 2, da Mina do Camaragibe à Foz do Riacho Recurvo, segundo os relatórios de Pieter Van Strucht e Jan Houck

No trecho entre a Mina do Camaragibe e a foz do Riacho Recurvo há a referência à poça de boa água no Rio Potengi, denominada Tingesiade, Tingeciade ou Tingeyado pelos expedicionários, e Tingujada por Alfredo de Carvalho⁵⁶ e Olavo Medeiros Filho⁵⁷, situada no sopé da montanha Apitange, que são pontos-chave para a localização, na Hipótese 1, do Riacho Recurvo.

Strucht se refere a esses topônimos da seguinte forma:

29 de janeiro. Pela manhã seguimos marchando duas léguas grandes, cortando caminho de vez em quando em linha direta sobre a borda da montanha, a qual, por toda parte, estava coberta de arvorinas secas; onde, ao lado duma montanha alta e pedregosa de nome Apitange, encontramos no rio uma boa poça de água, chamada Tingesiade. Ainda prosseguimos por este rio Potengi aproximadamente uma légua, até o assim chamado "Kromme Rivier" (= Rio Curvado), ou Capiporie-Retouba (= Corrego Retorto) por outro nome, que aqui entra no Potengi; e que no momento igualmente estava sem água. Aqui paramos, ao meio-dia, no lugar onde este trecho do rio corre preponderantemente ao oés-sudoeste, e o "Kromme Rivier" ao oés-noroeste. Por ele seguimos marchando depois do meio-dia, tratando-se dum riacho muito pedregoso. Antes de sair do rio Potengi ainda subimos a montanha onde tínhamos pausado, donde vimos a duas léguas para o oeste uma montanha muito alta e rochosa.⁵⁸

E constam no relato de Houck, quase igual ao de Strucht, mas com alguns detalhes, cujas nuances acrescentam pistas importantes:

A 29 seguimos marchando aproximadamente duas léguas grandes pelo e ao longo do rio, e de vez em quando diretamente pelos montes na mesma direção, onde achamos no rio ao lado duma montanha alta e pedregosa uma poça de água boa, que se chamava Apitange e Tingeyado. Desse lugar seguimos marchando mais uma légua, descansando no leito do rio Potengi, que aqui se estende ao oes-sudoeste, junto à foz do rio chamado Capibo-re-Retouba (= Córrego Retorto) e também Kromme Rivier (= Rio Curvado); ao longo e no qual marchamos depois do meio-dia, e que é seco e muito pedregoso. Aqui se mostrava à distância de aproximadamente duas léguas a oeste uma montanha muita alta e pedregosa, com um cume curto e arqueado em forma de sela.⁵⁹

Os topônimos Apitange e Tigesidade não são explicitamente mencionados por Hansen, todavia, o próprio Alfredo de Carvalho interpreta os relatórios oficiais da seguinte forma:

No dia 29 avançaram em linha recta, galgando os montes, cobertos de matto rasteiro e secco, até que, ao cabo de duas grandes léguas, chegaram á fralda de um monte, chamado Apitanga. ao sopé do qual havia, no leito do rio, um alagado d'agua potável denominado Tingujada. D'ali proseguiram ao longo do rio Potengy até o ponto onde nelle desagua o riacho Tortuoso, também conhecido pelo nome de Capibar-retuba. Este affluent também seccava no verão.

Acompanhando o curso deste riacho por espaço de duas léguas avistaram a Oéste um píncaro muito elevado e em forma de sella.⁶⁰

A montanha Apitange foi identificada por Olavo Medeiros Filho como sendo a Serra Vermelha, ao sul da cidade de Barcelona-RN, por associação com a palavra tupi, a língua dos brasileiros, *apitanga*, ou mais apropriadamente, *piranga*, que significa vermelho, ou avermelhado⁶¹.

⁵⁶ (CARVALHO, 1907; pg. 166).

⁵⁷ (MEDEIROS Filho, 1989; p. 92).

⁵⁸ (STRUCHT, 1650; fol. 3).

⁵⁹ (HOUCK, 1650; fol. 8).

⁶⁰ (CARVALHO, 1907; pg. 166).

⁶¹ (MEDEIROS Filho, 1989; p. 92 e 100).

A atual Serra Vermelha é um cabeço de pedra, e um marco de paisagem - vide Fotografia 2, situado a cerca de 2,5 Km ao sul, do Rio Potengi, e assim, a poça não poderia estar no seu sopé. No entanto, nessa área, na margem esquerda, chegando até a beira do rio, estão as Serras da Gangorra e a Serra da Arara, vizinhas à cidade de Barcelona-RN, as quais reúnem todas as características descritas, já que, no leito do rio, há várias barragens subterrâneas modernas que aproveitaram as poças d'água naturais que ali existem.

Por essas razões, considera-se que a associação de Olavo Medeiros Filho, de Apitange com a Serra Vermelha, tem seus méritos, mas a montanha Apitange citada nos relatos está mais apropriadamente associada com a Serra da Arara. Assim, quanto à poça de boa água denominada Tingeciade, assume-se, neste estudo, que ela situa-se no leito do Potengi, no sopé da Serra da Arara, ou entre o seu sopé e a barra do Riacho da Carnaúba, na zona urbana da cidade de Barcelona-RN - vide a Figura 6.

Os textos dos relatórios de Strucht e Houck, inequivocamente, indicam que os expedicionários, de Tingeciade seguiram pelo Potengi acima por mais uma légua, até a foz do *Kromme*, num local onde o Potengi corre oés-sudoeste e o *Kromme* oés-noroeste.

Alfredo de Carvalho não detalhou os rumos dos rios Potengi e Recurvo, e a sua interpretação de que os expedicionários "avançaram em linha recta, galgando os montes, cobertos de matto rasteiro e secco, até que, ao cabo de duas grandes léguas, chegaram á fralda de um monte", resultou na interpretação de Olavo Medeiros Filho de que os expedicionários afastaram-se mais de 2,4 Km ao sul do rio, rompendo caatinga alta e fechada, até alcançarem a Serra Vermelha, e dali retornaram à foz do Riacho Santa Rosa, que ele identifica como o *Kromme Rivier*:

Como verificamos, os viajantes, a partir de Caricatinga, deixaram momentaneamente o leito do Potengi, cortando caminho por montes e matos, em direção ao Monte Apitanga. O significado deste termo, no tupi, é vermelho, ou avermelhado. Atualmente, aquele monte denomina-se de Serra Vermelha, ao sul de Barcelona — (RN). No seu sopé, já no leito do rio Potengi, havia um alagado de água potável — Tinguijada. Tal nome indica que ali utilizavam os silvícolas, nas suas pescarias, a planta conhecida por tingui (*Magonia pubescens*). Dali, tomaram o rumo do nascente, por uns três quilômetros, atingindo a foz do riacho Capibari-retuba.

O curso do Riacho Santa Rosa, semelhante a um arco, bem como a sua extensão confirmam ser o mesmo o antigo Riacho Tortuoso.⁶²

O Riacho Santa Rosa, tributário da margem direita do Potengi, na sua foz, se estende na direção sul, e o Rio Potengi se estende a oés-noroeste, como também se nota na Figura 5, e assim, concorda-se, neste estudo com a avaliação de Benjamin Teensma⁶³, que já havia destacado essa contradição da interpretação de Olavo Medeiros Filho com os relatórios oficiais.

Aproximadamente a 1,4 léguas holandesas de Tingeciade, a montante no Rio Potengi, há o Riacho do Boqueirão, afluente da margem esquerda, lado norte, que, como pode ser visto na Figura 7, reúne quase todas as características descritas, e, por essa razão, é considerado como o *Kromme Rivier* na H1 deste estudo.

⁶² (MEDEIROS Filho, 1989; p. 92 e 100).

⁶³ (TEENSMA, 2014).

Fotografia 2: A Serra Vermelha, município de Barcelona-RN.



Figura 6: Situação da Serra Vermelha, Serra da Arara e Serra da Gangorra em relação ao Rio Potengi, município de Barcelona-RN.

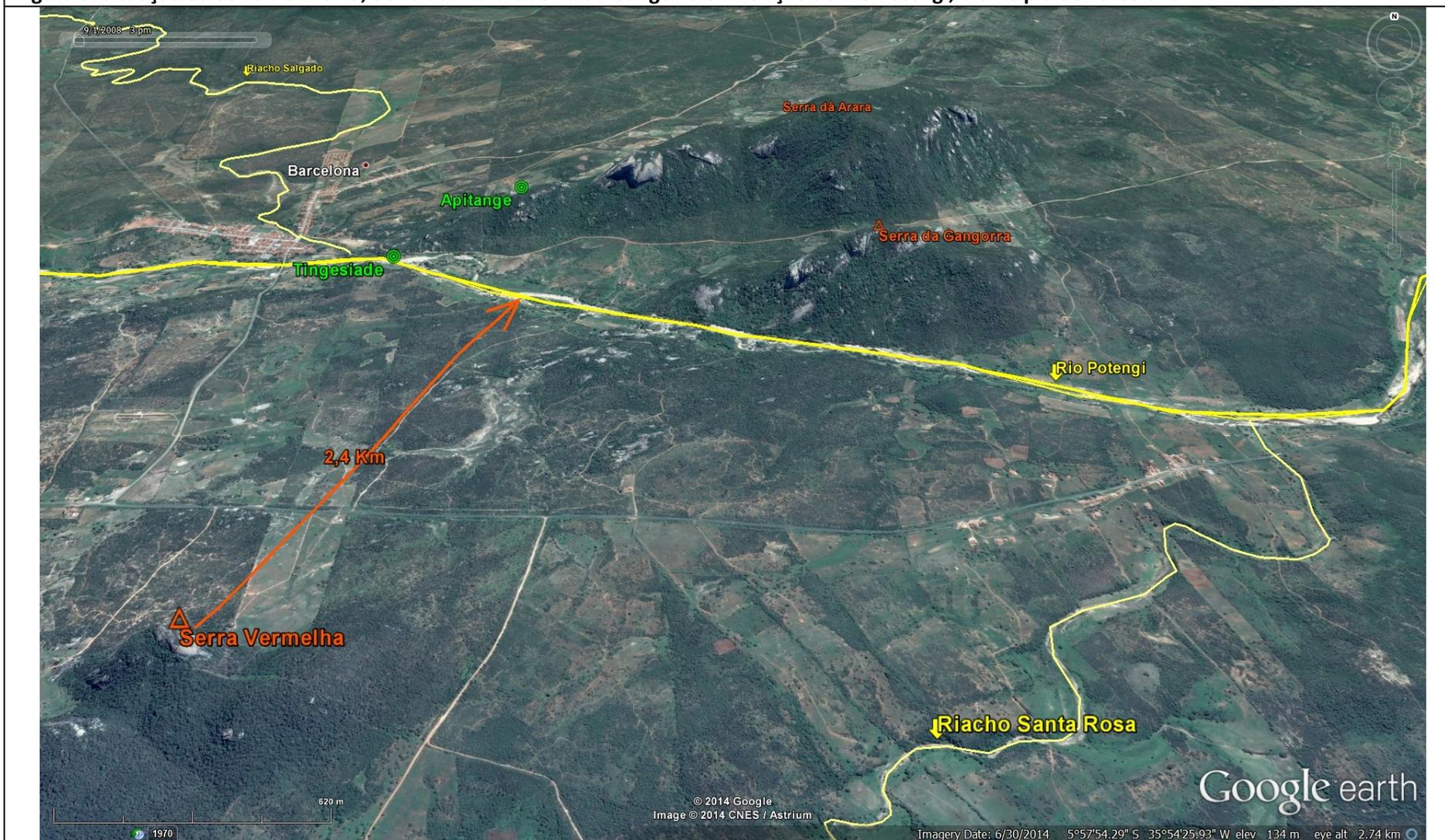
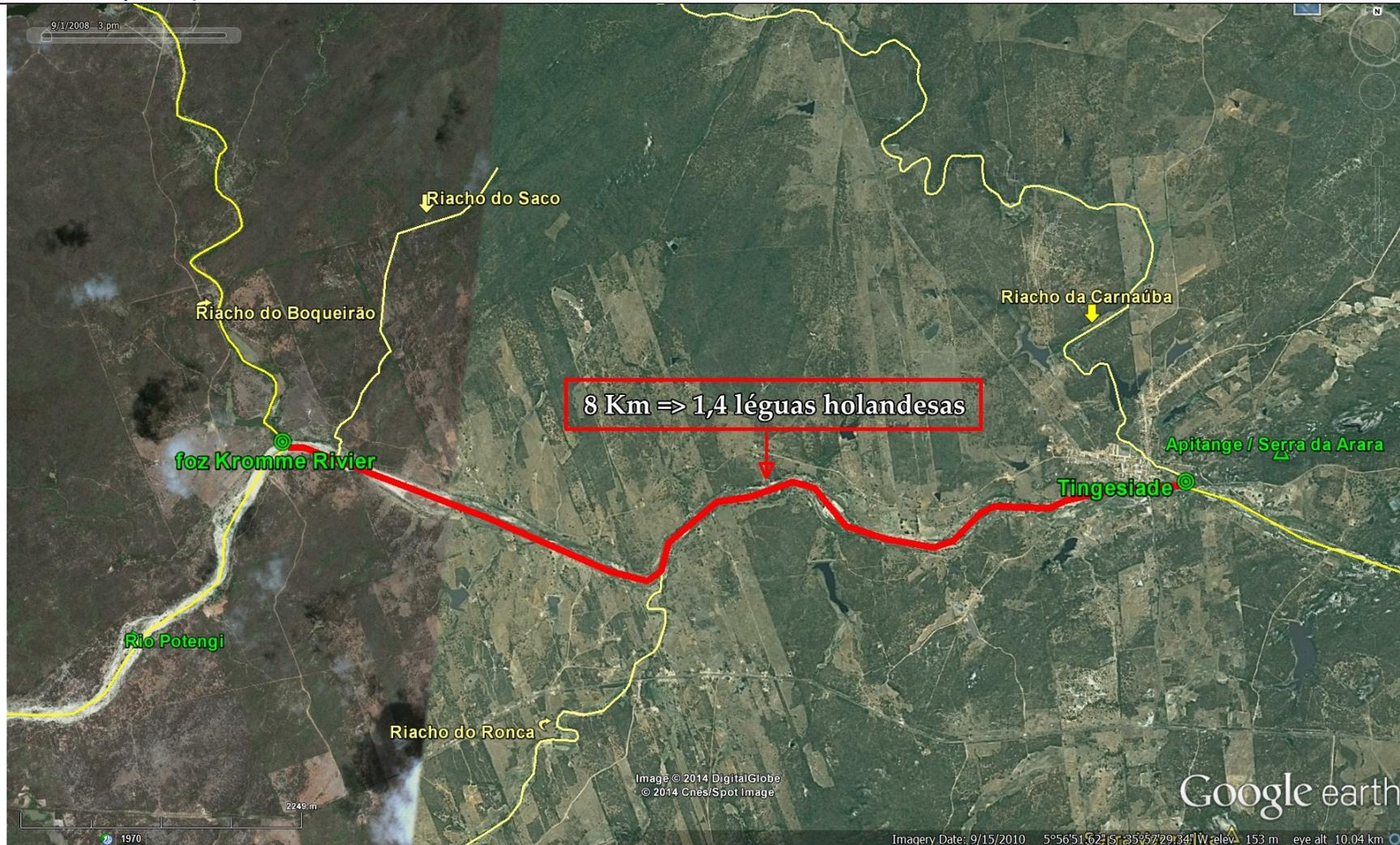


Figura 7: A situação da foz do Riacho do Boqueirão no Rio Potengi, caso os dados de Strucht e Houck estejam corretos (Hipótese 1: *Kromme Rivier* = Riacho do Boqueirão).



A Figura 8 mostra o georreferenciamento das etapas do terceiro dia da expedição, no percurso entre a Mina do Camaragibe e o monte Itabita, que tem locais de origem e destino bem reconhecidos. O local intermediário, o Coyeté, foi estimado pela distância percorrida na primeira etapa e ajustada para um local onde há uma poça d'água. Todas as poças d'água citadas, foram encontradas com água pelos neerlandeses no final de janeiro, início de fevereiro, quase no final da estação de estio, e certamente são locais especiais, e por essa característica, a pesquisa em campo procurou identificar as existentes nas proximidades dos locais inicialmente locados pela estimativa de navegação, consultando moradores da vizinhança, que as conhecem bem, e as indicaram. Isso permitiu os pequenos ajustes para alocá-las nas posições indicadas neste estudo.

A Figura 9 ilustra o georreferenciamento do percurso do quarto dia da expedição, do monte Itabita ao poço d'água Caycatinga, que está alocado numa poça d'água no leito do rio, indicada por moradores como resistente às secas, entre o distrito de Jurema e o sítio Curicaca, a montante da barragem de São Paulo do Potengi.

A Figura 10 mostra o georreferenciamento do percurso do quinto dia, entre Caycatinga e a foz do Riacho Retorto, passando por Tingesiade, topônimos já comentados anteriormente.

A Tabela 6, abaixo, resume os dados da comparação das distâncias citadas nos relatórios oficiais com as obtidas no georreferenciamento do Trecho 2, entre a Mina do Camaragibe e a foz do Riacho Retorto, segundo a Hipótese 1, onde o *Kromme Rivier* é identificado como o Riacho do Boqueirão.

Tabela 6: Comparação das distâncias citadas nos relatórios Strucht/Houck com as Georreferenciadas no Trecho 2: Mina do Camaragibe @ foz do <i>Kromme Rivier</i> (Riacho do Boqueirão, Hipótese 1).					
Etapa/percurso	Relatórios		Georreferenciamento		Δ %
	Légua	Km	Km	Légua	
03/1 mina do Camaragibe @ Coyeté	3	16,9	14,9	2,6	12
03/2 Coyeté @ Itabita	2	11,3	11,0	1,9	3
mina do Camaragibe @ Itabita	5	28,2	25,9	4,5	8
04/1 Itabita @ poça no rio Potengi	2,5	14,1	13,0	2,3	8
04/2 poça no Rio Potengi @ Caycatinga	2,2	12,4	12,6	2,2	-1
Itabita @ Caycatinga	4,7	26,5	25,6	4,5	4
05/1 Caycatinga @ Tingeyado	2,3	13,0	18,3	3,2	-41
05/2 Tingesiade @ foz do Riacho Recurvo	1,0	5,6	8,0	1,4	-42
Caycatinga @ foz do Riacho Recurvo	3,3	18,6	26,3	4,6	-41
Itabita @ foz do Riacho Recurvo	13,0	73,3	77,8	13,6	-6
Fator de conversão: [1 légua neerlandesa = 5,649 Km]					
Δ % = diferença percentual entre a distância citada nos relatórios e a obtida no georreferenciamento					

Figura 8: O georreferenciamento do percurso entre a Mina do Camaragibe e o monte Itabita, caso os dados de Strucht e Houck estejam corretos (Hipótese 1: *Kromme Rivier* = Riacho do Boqueirão).

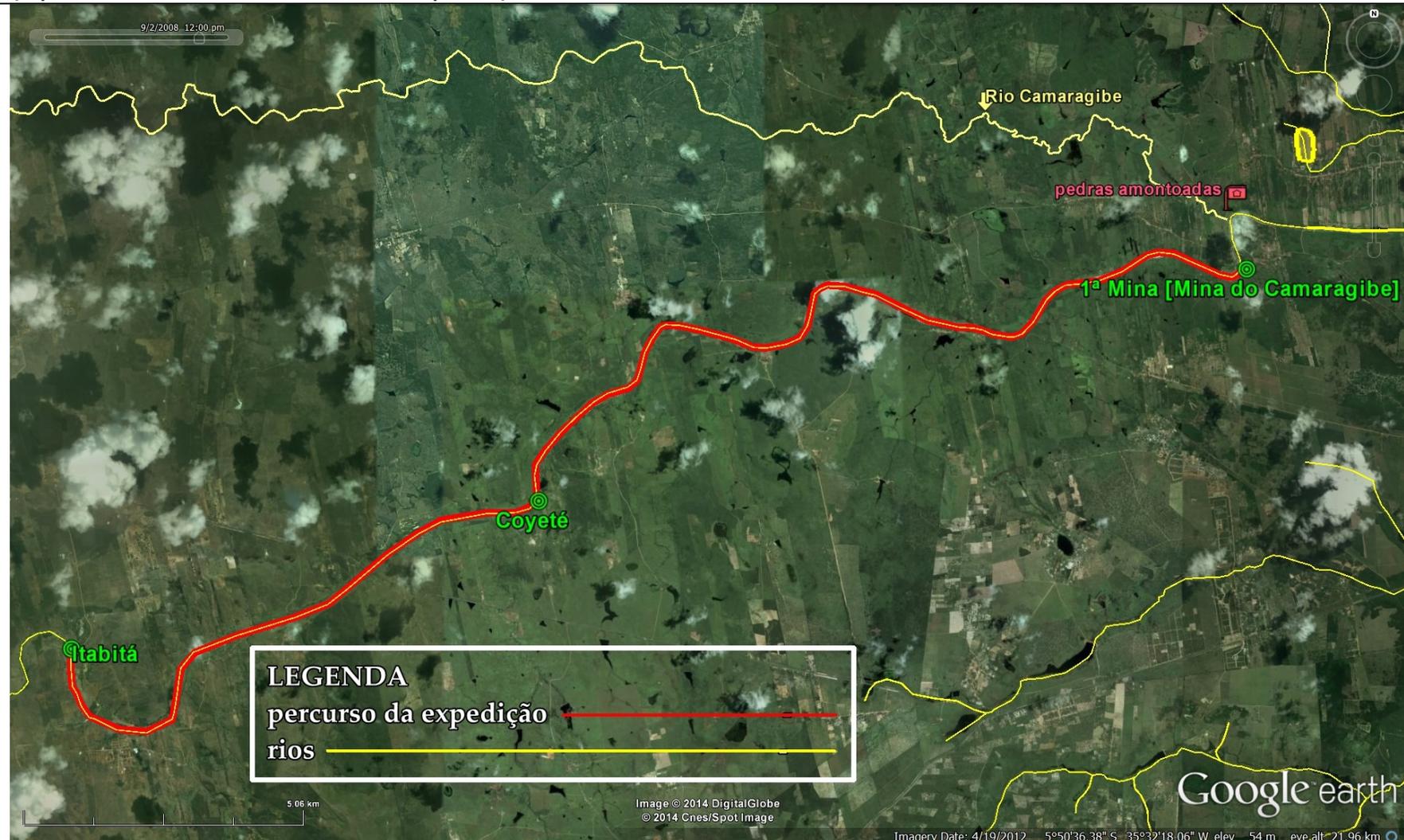


Figura 9: O georreferenciamento do percurso entre o monte Itabita e Caycatinga, caso os dados de Strucht e Houck estejam corretos (Hipótese 1: *Kromme Rivier* = Riacho do Boqueirão).



Figura 10: O georreferenciamento do percurso entre Caycatinga e a foz do Riacho Recurvo, caso os dados de Strucht e Houck estejam corretos (Hipótese 1: *Kromme Rivier* = Riacho do Boqueirão).



O georreferenciamento do Trecho 3, da Foz do Riacho Recurvo ao Iporé, segundo os relatórios de Pieter Van Strucht e Jan Houck

A bacia do Riacho do Boqueirão está totalmente contida no município de São Tomé-RN, região de caatinga, semiárida, com muitos afloramentos de rocha e serras. Próximo à sua nascente há dois boqueirões margeando a, por tal razão, denominada Serra do Boqueirão, uma serra alongada com cerca de 3,7 Km de extensão. Esses boqueirões são passagens naturais, entre as regiões das nascentes do Riacho do Boqueirão e do Rio do Vento, e assim cortam o talvegue das bacias hidrográficas do Rio Potengi e do Rio Ceará Mirim, à qual o Rio do Vento pertence - vide Figura 11.

Construiu-se o georreferenciamento desse Trecho com o mesmo método empregado anteriormente, ou seja, sequenciando etapas: desenha-se a primeira, delas seguindo o leito do rio, até que seu comprimento seja equivalente à distância citada nos relatórios, e ajusta-se o seu ponto final segundo os detalhes descritos nos relatórios, e os observados nas visitas *in loco*. A segunda etapa parte desse ponto, e o processo é repetido iterativamente até a conclusão do Trecho. Neste trecho não há pontos conhecidos *a priori*, exceto a barra do riacho no Rio Potengi.

Desenhando-se um trajeto de uma légua de comprimento, partindo da foz e seguindo o leito do Riacho do Boqueirão, determinou-se a posição da Água da Sereia, próximo do local onde deságua um tributário que passa pelo sítio Bela Vista. Pouco abaixo dessa junção construiu-se, na década de 50 do século passado, a barragem do Açude do Luciano, e, dessa forma, o possível local da Água da Sereia posiciona-se no seu porão⁶⁴. Moradores da Fazenda Capim, onde localiza-se esse açude, informaram que, no leito do rio, próximo ao local da barragem desse açude, há um poço que, antes da sua construção, conservava água por muito tempo no período de estio.

Alocou-se a segunda etapa, um trajeto de uma légua riacho acima da Água da Sereia, e determinou-se o possível local do Mijo de Ratos de forma similar. Há uma enorme roca à beira do riacho, junto a um poço no leito do rio, que tem vários tanques naturais, que conservam água em estios prolongados, e, por trás dessa roca com tanques, há outra grande roca, em cujas frestas há colônia de mocós - vide Fotografia 3. O percurso da foz do Riacho Recurvo ao Mijo de Ratos, na H1, está ilustrado na Figura 12.

Meia légua acima dessa roca, seguindo o Riacho do Boqueirão, alocou-se o ponto citado como o local da segunda mina. Após a visita a este local, ajustou-se a sua posição para um aglomerado de pedras 700 m ao sul desse ponto, junto à foz do Riacho dos Pinhões. Há, a oeste e afastado cerca de 1,8 Km desse ponto, a Serra do Pica-pau, marco de paisagem, com 425 m de altura, e associada, na Hipótese 1 deste estudo, com a serra Itabiraba - vide Fotografia 4.

A localização da etapa final, entre a Mina da Itabiraba e o Iporé, o local mais distante do Forte do Rio Grande alcançado pelos exploradores, que, pelas características registradas nos documentos, consiste em um monte altíssimo, que se estende por uma légua de distância⁶⁵, e nele haver a poça d'água, a aldeia de brasileiros e roças cercada de montes⁶⁶, e o estudo da situação verificada na região, resultou da adoção da opção que inclui o leito de riachos da bacia do Rio do Vento, facilmente alcançáveis percorrendo o boqueirão da Serra do Boqueirão, onde encontra-se o espaço que se conforma a todos requisitos geográficos citados, na área do sítio Rio Novo, município de Caiçara do Rio do Vento-RN.

⁶⁴ Porão de açude: área mais profunda, usualmente próximo à barragem, último lugar a secar nos estios prolongados.

⁶⁵ (HANSEN, 1995; pg. 87).

⁶⁶ (HOUCK, 1650; fol. 9) e (STRUCHT, 1650; fol. 4).

Outro fator considerado é a constatação de não haver área adequada a roças e uma aldeia, ainda que haja poça ou fonte d'água na nascente do Riacho do Boqueirão, situado junto à Serra Pedra Branca.

Os georreferenciamentos das etapas estão ilustrados nas Figuras 12 e 13 e, na Tabela 7, os seus resultados são comparados com os citados pelos expedicionários, e onde constata-se que os desvios entre as distâncias anotadas nos relatórios e as georreferenciadas são pequenos, da ordem de 4%.

Etapa/percurso	Relatórios		Georreferenciamento		Δ %
	Légua	Km	Km	Légua	
05/3 foz do Kromme Rivier @ Mereminnewater	1,0	5,6	5,5	1,0	2
05/4 Mereminnewater @ Rottepiswater	1,0	5,6	5,5	1,0	2
foz do Kromme Rivier @ Rottepiswater	2,0	11,2	11,0	2,0	2
06/1 Rottepiswater @ Itabiraba	0,5	2,8	3,0	0,5	-7
06/2 Itabiraba @ Iporé	2,0	11,3	10,2	1,8	10
Rottepiswater @ Iporé	2,5	14,1	13,2	2,3	6
foz do Kromme Rivier @ Iporé	4,5	25,3	24,2	4,3	4
Fator de conversão: [1 légua neerlandesa = 5,649 Km]					
Δ % = diferença percentual entre a distância citada nos relatórios e a obtida no georreferenciamento					

Considera-se importante destacar que Alfredo de Carvalho combina os dados dos relatórios Strucht/Hansen, concluindo na seguinte interpretação do percurso da expedição entre a foz do *Kromme Rivier* e a Mina de Itabiraba:

D'ali proseguiram ao longo do rio *Potengy* até o ponto onde nelle desagua o riacho Tortuoso, também conhecido pelo nome de *Capibari-retuba*. Este affluente tambem seccava no verão.

Acompanhando o curso deste riacho por espaço de duas léguas avistaram a Oéste um píncaro muito elevado e em forma de sella. Pelo caminho abundavam pedras scintillantes e rochas semelhantes ás de minério. Uma légua mais adiante chegaram a uma poça d'agua, no próprio leito do riacho, a que os indios davam o nome de *Agua das Sereias*, devido a ser o logar frequentado por almas penadas.

Depois de ainda outra légua de marcha encontraram uma grande cavidade de rocha cheia d'agua turva e fétida a que deram o nome de Mijo de ratos, porque estava contaminada de ourina e excrementos de ratos ou mocós.

No dia 30, sendo Domingo, caminharam cerca de meia legua ao longo do mencionado riacho até um logar que Pieter Persijn indicou, em um monte coberto de matto em roda, como sendo aquelle de onde extrahira uma das amostras do minério levado ao Supremo Concelho, juntamente com o de Camaragibe.⁶⁷

⁶⁷ (CARVALHO, 1907; pg. 166-167).

Depreende-se que no texto acima há as seguintes inconsistências com os relatórios, que certamente influíram adversamente na interpretação de Olavo Medeiros Filho:

- ⊕ O píncaro muito elevado e em forma de sela é avistado da barra do Riacho Recurvo, segundo a descrição de Pieter van Strucht
Antes de sair do rio Potengi ainda subimos a montanha onde tínhamos pausado, donde vimos a duas léguas para o oeste uma montanha muito alta e rochosa⁶⁸, e a de Houck
... descansando no leito do rio Potengi, que aqui se estende ao oes-sudoeste, junto à foz do rio chamado Capibo-re-Retouba (= Córrego Retorto) e também Kromme Rivier (= Rio Curvado); ao longo e no qual marchamos depois do meio-dia, e que é seco e muito pedregoso. Aqui se mostrava à distância de aproximadamente duas léguas a oeste uma montanha muita alta e pedregosa, com um cume curto e arqueado em forma de sela.⁶⁹
- ⊕ A distância da foz do Riacho Recurvo à Água da Sereia, ou *Mereminnewater*, torna-se 3 léguas, ao Mijo de Ratos, ou *Rottepiswater*, 4 léguas, e à Mina de Itabiraba, 4,5 léguas⁷⁰, ou seja, todas com 2 léguas holandesas assombradas a mais.

E, Alfredo de Carvalho, prosseguindo com a sua interpretação, omite a informação da distância entre a Mina de Itabiraba e a aldeia dos índios e dessa mina ao Iporé:

Antes, porém, cavaram no leito do riacho um poço muito profundo, mas, só encontraram água de má qualidade e salitrosa. As montanhas vizinhas fechavam o horizonte e não podendo atravessar o matto cerrado que as cobria, os expedicionários seguiram ao longo do riacho, transpondo varios dos seus afluentes completamente seccos, até chegarem a aldeia dos indios de que era principal João Assú.

A supposta fonte, que ficava próxima, era um alagado no leito do riacho, entre os montes Ibetibecu—Utezarva e Tabuquaba, e tinha o nome de Iporé. Perto havia alguns rochedos de que extrahiram amostras de minério. Regressaram então ao logar da mina indicada por Pieter Persijn e de lá tiraram também amostras, indo pernoitar a tres léguas aquém do poço do Mijo dos Ratos.⁷¹

Sem esse dado, e frente às inconsistências anteriormente citadas, Olavo de Medeiros Filho computa a distância de 25 léguas entre o Castelo Keulen e a mina, situada próxima ao local onde foi cavado o profundo poço na citação acima, e estima 26 léguas entre o Castelo e a aldeia de João Açu, o que leva ele acreditar que essa aldeia esteja distante 5,5 léguas da barra do Tortuoso⁷², ou somente uma légua após a mina de Itabiraba.

Examinando-se essa distância de 5,5 léguas citada por Olavo Medeiros Filho, nota-se que ela constitui mais um fator para diminuir a probabilidade da sua proposta do Riacho Santa Rosa ser o Riacho Tortuoso⁷³: a extensão desse riacho, da sua nascente à sua foz, é de 22 Km, ou, cerca de 3,9 léguas holandesas.

⁶⁸ (STRUCHT, 1650; fol. 4).

⁶⁹ (HOUCK, 1650; fol. 8).

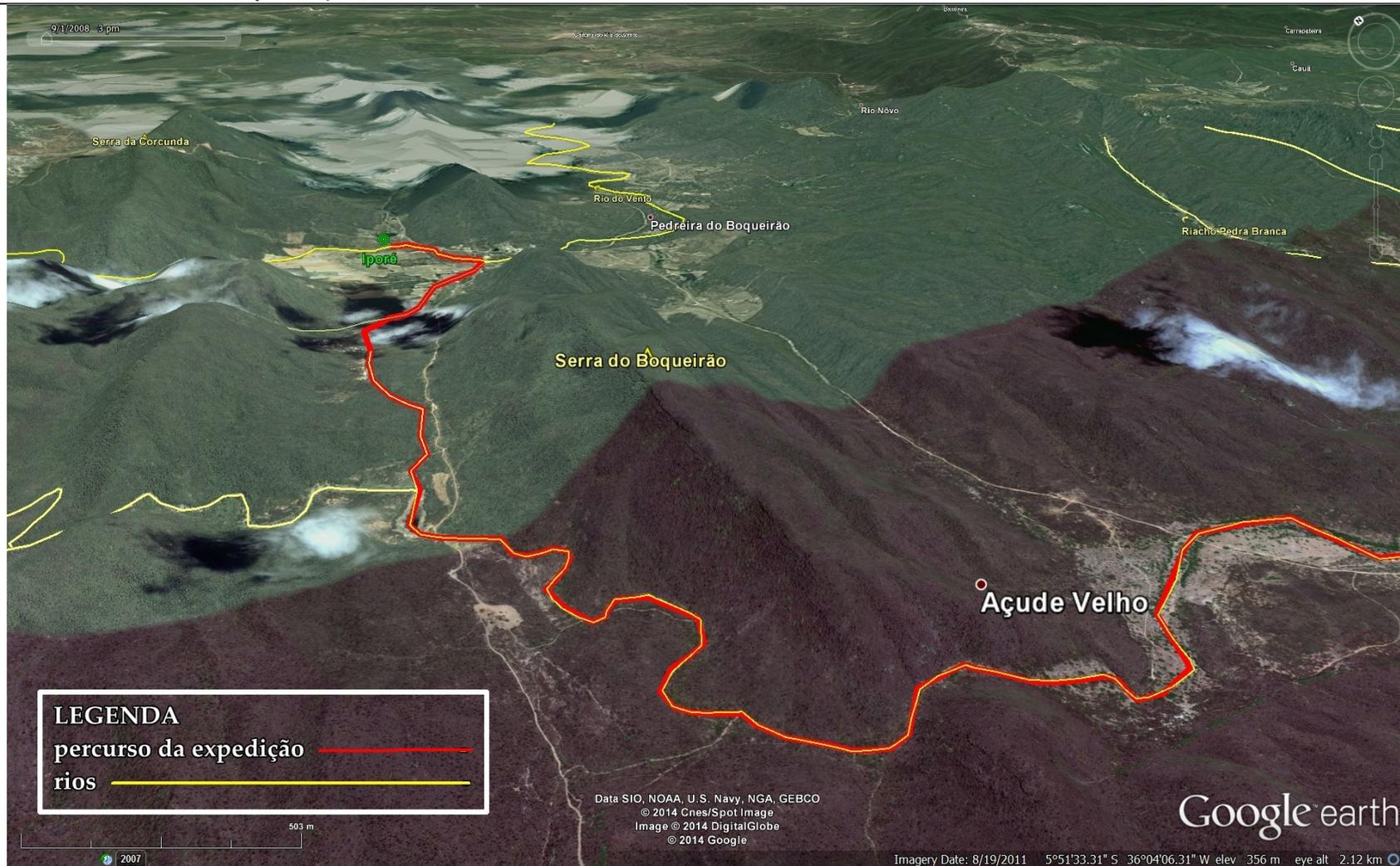
⁷⁰ (MEDEIROS Filho, 1989; pg. 93-94).

⁷¹ (CARVALHO, 1907; pg. 166-167).

⁷² (MEDEIROS Filho, 1989; pg. 94-95).

⁷³ (MEDEIROS Filho, 1989; pg. 92-93, 97 e 101).

Figura 11: A vista da Serra do Boqueirão, com o percurso da expedição de 1950, caso os dados de Strucht e Houck estejam corretos (Hipótese 1: *Kromme Rivier* = Riacho do Boqueirão).



Fotografia 3 : Rocha com tanques naturais na margem do Riacho do Boqueirão, situada no possível local do Mijo de Ratos, caso os dados de Strucht e Houck estejam corretos (Hipótese 1: *Kromme Rivier* = Riacho do Boqueirão). O Riacho do Boqueirão situa-se entre os tanques, em primeiro plano, e o monte ao fundo.



Fotografia 4: A Serra do Pica-pau, o monte Itabiraba, caso os dados de Strucht e Houck estejam corretos (Hipótese 1: *Kromme Rivier* = Riacho do Boqueirão).



Figura 12: O georreferenciamento do percurso entre a Foz do Riacho Recurvo e o Mijo de Ratos, caso os dados de Strucht e Houck estejam corretos (Hipótese 1: *Kromme Rivier* = Riacho do Boqueirão).

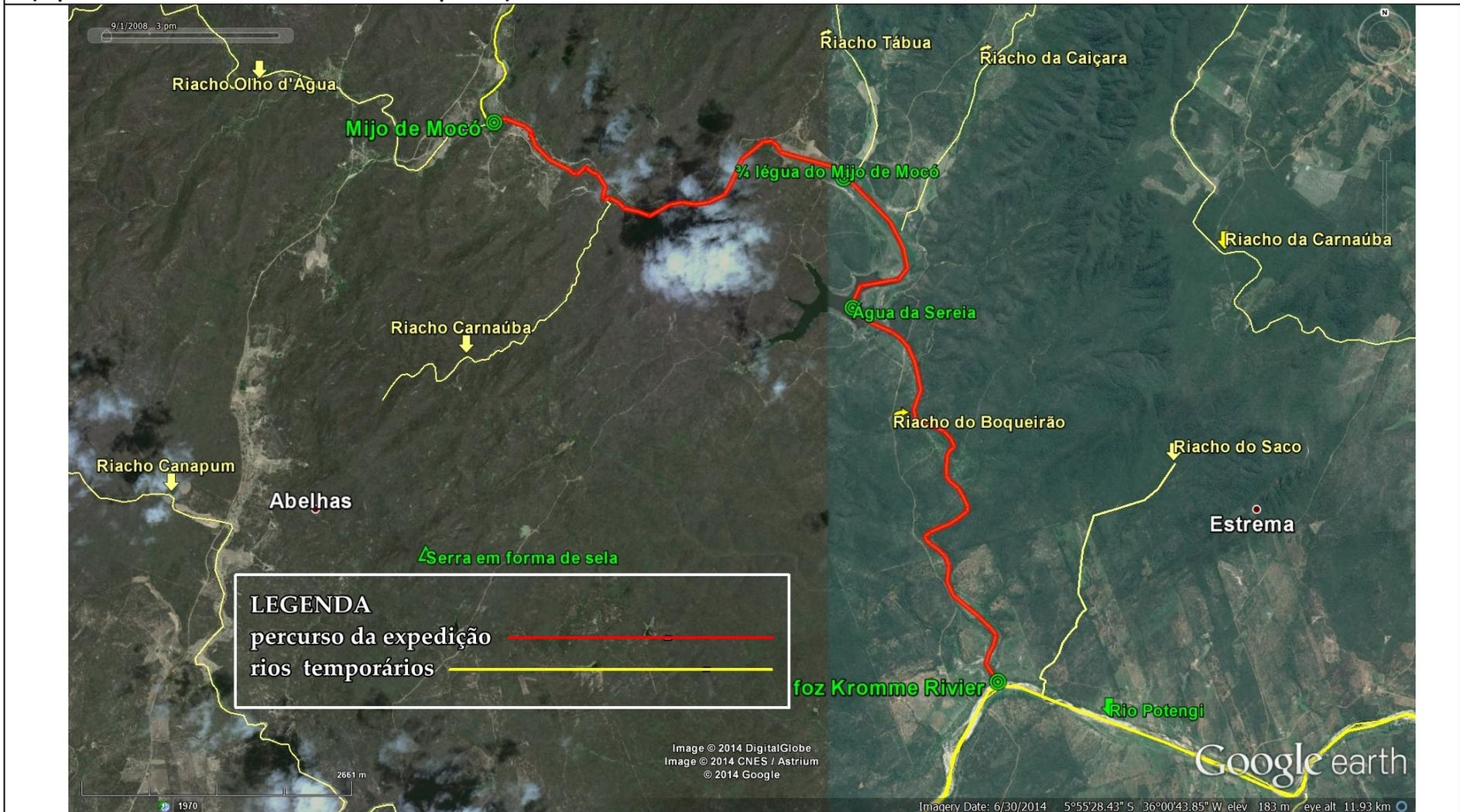


Figura 13: O georreferenciamento do percurso entre o Mijo de Ratos e o Iporé, caso os dados de Strucht e Houck estejam corretos (Hipótese 1: *Kromme Rivier* = Riacho do Boqueirão).



O georreferenciamento do Trecho 2, da Mina do Camaragibe à Foz do Riacho Recurvo, segundo Peter Hansen.

No georreferenciamento do percurso da expedição neerlandesa de 1650, no Trecho 2, da Mina do Camaragibe à Foz do Riacho Recurvo, na Hipótese 2, considera-se corretos os dados e distâncias citados no diário do soldado alemão Peter Hansen.

Já expôs-se que há diferenças nas distâncias citadas por Hansen com as dos relatórios oficiais, e, na análise das distâncias citadas por ele, na ida, que essas diferenças estão concentradas numa parte do Trecho 2, especificamente de Caycinga à Foz do Riacho Recurvo.

Por dedução, considerando-se as distâncias citadas por Hansen na ida e no retorno, sabe-se que a foz do Riacho Recurvo fica a ½ légua a montante do local de pernoite no dia 6/2/1650, e que o trajeto da foz desse riacho a Utapemba tem 16 léguas holandesas.

O georreferenciamento do Trecho 2, é construído com base em dois topônimos geograficamente bem estabelecidos, o monte Utapemba, e a Mina do Camaragibe, considerados como fixos de navegação. Assim, estabelece-se o georreferenciamento da Mina do Camaragibe a Utapemba, e, especificamente entre a foz do Riacho Recurvo e Utapemba, por um processo de navegação reverso do percurso de retorno da expedição, iniciando-o no Utapemba, ou seja, plotando-se sucessivamente as etapas, ou pernas de navegação, no sentido inverso ao efetivamente percorrido.

Convertendo-se as distâncias para quilômetros, 1 légua holandesa equivalendo a 5,649 Km, plotou-se, da maneira acima descrita, as etapas percorridas de Utapemba ao local de pernoite no dia 6/2/1650, um trajeto de exatas 15,5 léguas holandesas, o que resultou em se estabelecer esse ponto no leito do Potengi, a 2,24 km a jusante da foz do Riacho Poço dos Cavalos, identificado, por isso, como o Riacho Recurvo na Hipótese 2 deste estudo - vide Figuras 14 a 17.

Os dados obtidos podem ser vistos na Tabela 8: Comparação das distâncias citadas no diário de Peter Hansen com as Georreferenciadas no Trecho 2: Mina do Camaragibe @ foz do *Kromme Rivier* (Hipótese 2), onde se verifica que há uma diferença de apenas 0,4 Km, ou cerca de 0,1 légua holandesa para a distância entre o Serrote Pedra Branca, no município de São Pedro-RN, e a barra do Riacho Poço dos Cavalos no Potengi, no município de São Tomé-RN.

Etapa/percurso	Diário		Georreferenciamento		Δ %
	Légua	Km	Km	Légua	
13 Utapemba @ Mina do Camaragibe	4	22,6	27,3	4,8	21
12/02 Tabiane @ Utapemba	2,5	14,1	14,1	2,5	0
12/01 Tabiane @ altíssima roca	2	11,3	11,3	2,0	0
11 poça no Rio Potengi @ Tabiane	6	33,9	33,9	6,0	0
10 Rio Potengi -½ @ poça no Rio Potengi	5	28,2	28,2	5,0	0
Foz do Riacho Recurvo @ Rio Potengi -½ (*)	0,5	2,8	2,24	0,4	-21
foz do Riacho Recurvo @ Mina do Camaragibe	20,0	113	118	20,8	4

Fator de conversão: [1 légua neerlandesa = 5,649 Km].
Δ % = diferença percentual entre a distância citada no diário e a obtida no georreferenciamento.
* por dedução, o pernoite do dia 6/2/1650 foi feito no leito do Potengi, ½ légua a jusante da foz do Rio Recurvo.

Figura 14: O georreferenciamento da etapa [13 Utapemba @ Mina do Camaragibe], caso os dados de Hansen estejam corretos (Hipótese 2: *Kromme Rivier* = Riacho Poço dos Cavalos).



Figura 15: O georreferenciamento das etapas [12/01 Tabiane @ altíssima roca] e [12/02 altíssima roca @ Utapemba], caso os dados de Hansen estejam corretos (Hipótese 2: *Kromme Rivier* = Riacho Poço dos Cavalos).

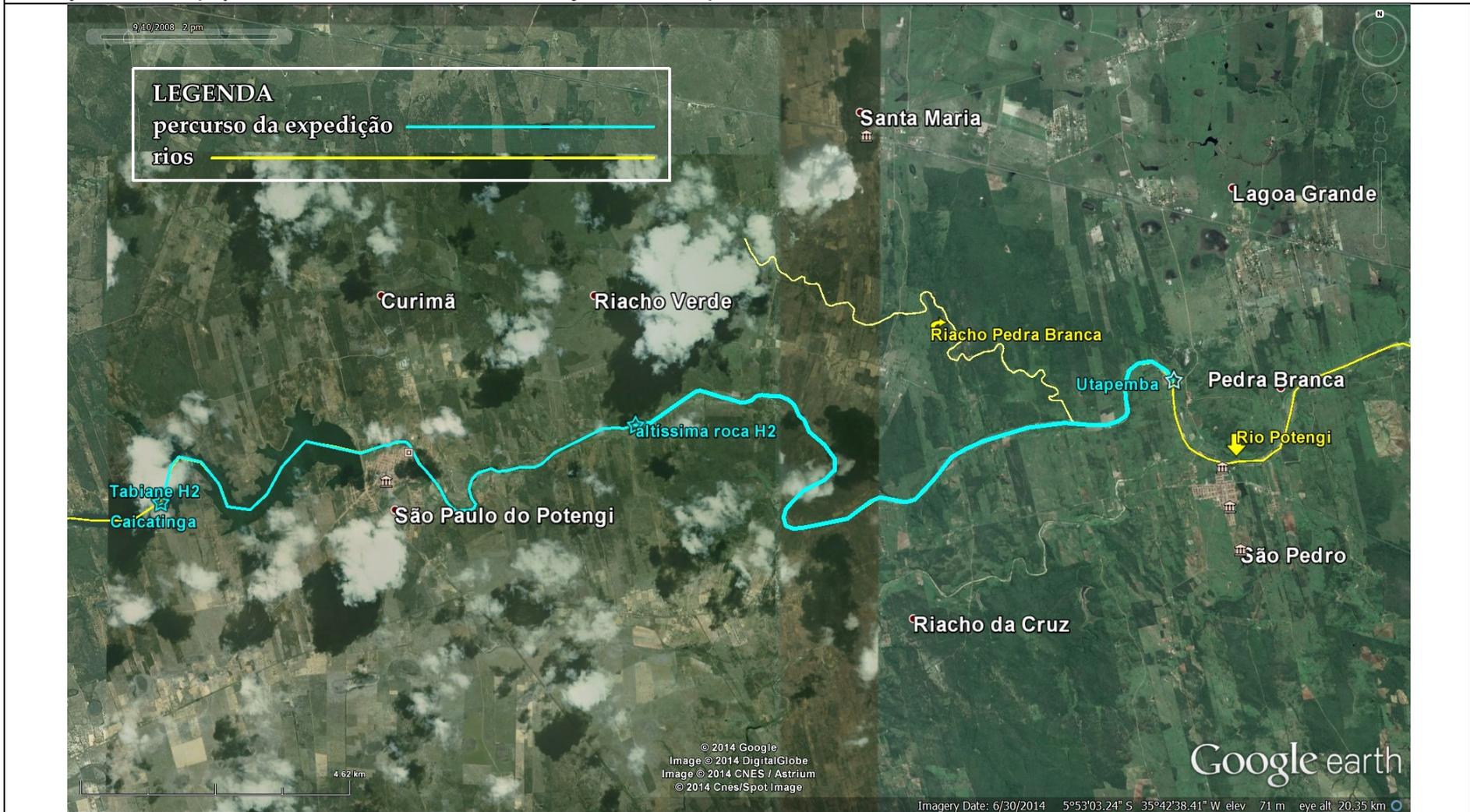


Figura 16: O georreferenciamento da etapa [11 poça no Rio Potengi @ Tabiane], caso os dados de Hansen estejam corretos (Hipótese 2: *Kromme Rivier* = Riacho Poço dos Cavalos).



Figura 17: O georreferenciamento do trecho [fóz do Riacho Recurvo @ Pernoite 5/2/1650] e da etapa [10 Pernoite 5/2/1650 @ poça no Rio Potengi], caso os dados de Hansen estejam corretos (Hipótese 2: *Kromme Rivier* = Riacho Poço dos Cavalos).



O georreferenciamento do Trecho 3, da Foz do Riacho Recurvo ao monte altíssimo (Iporé), segundo Peter Hansen

Aceitando-se os dados de Peter Hansen, Hipótese 2, identifica-se o Riacho Poço dos Cavalos como o Recurvo. Como comentou-se, no trecho da foz do Riacho Recurvo ao monte altíssimo, há concordância nas distâncias citadas por Hansen com as dos relatórios oficiais, e, quanto aos topônimos, pode-se identificar no seu diário os mesmos locais denominados Mijo de Ratos e a Mina de Itabiraba nos relatórios de Strucht e Houck, todavia o soldado alemão não cita o local denominado Água da Sereia.

Pode-se, também, associar o que ele chama de monte altíssimo à região do Iporé, pois do diário depreende-se que, na etapa extrema da exploração, os pesquisadores dividiram-se em dois grupos, no local onde encontraram a fonte d'água cristalina e salobra, o liderado pelo engenheiro Strucht, e o chefiado por Persijn, que Hansen acompanhou na escalada do monte.

A construção do georreferenciamento e alocação dos locais citados no diário é feita subindo o Riacho Recurvo, e, a rigor, pode iniciar-se:

- ⊕ No local de pernoite no dia 5/2/1650, determinado pela navegação reversa das etapas de retorno, conforme explicitado na seção anterior.
- ⊕ Na foz do Riacho Recurvo no Rio Potengi, utilizando a distância de 2 léguas neerlandesas do percurso da ida, no dia 31/1/1650, da barra do Riepe Ratuba (Riacho Recurvo) ao Mijo de Ratos, e, admitindo-se que a Mina de Utataparaba dista mais ½ légua riacho acima.

A diferença do cômputo das distâncias georreferenciadas com as origens acima citadas, referidas à foz do Riacho Recurvo, tem valor constante de 0,1 légua holandesa para todos os topônimos desse Trecho, um valor que pode ser considerado praticamente desprezível. Por tal razão, e por ser opção totalmente baseada em dados de Hansen, adota-se o local de pernoite, no dia 5/2/1650, como local de início da localização. Esse local de pernoite dista cerca de 2,2 km, ou 0,4 légua holandesa a jusante da foz do Riacho Recurvo, assumida, na hipótese em estudo, como a foz do Riacho Poço dos Cavalos.

O traçado do georreferenciamento pode ser visto nas Figuras 18 e 19, e os dados obtidos e sua comparação com os citados no diário de Hansen estão relacionados na Tabela 9, abaixo, onde pode-se constatar que a distância citada por Houck entre a barra do Riacho Recurvo, ou Riepe Ratuba, e a sua nascente junto ao monte altíssimo, conforma-se muito bem com as características do Riacho Poço dos Cavalos e os três montes sobre a Serra de Santana.

A possível posição da Mina de Utataparaba, determinada pelo critério da distância da foz do Riacho Poço dos Cavalos, situa-a junto à Serra da Rajada, e como a sua falda dessa serra está junto ao vale, essa característica difere da esperada segundo a documentação.

Tabela 9: Comparação das distâncias citadas no diário de Peter Hansen com as Georreferenciadas no Trecho 3: Foz do Riacho Recurvo @ Monte altíssimo (Hipótese 2).					
Etapa/percurso	Diário		Georreferenciamento		Δ %
	Légua	Km	Km	Légua	
08 Monte altíssimo @ Mina Utataparaba	2	11,3	11,3	2,0	0
09 Mina Utataparaba @ local pernoite 5/2/1650	3	16,9	16,9	3,0	0
Mina Utataparaba @ Foz do Riepe Ratuba	2,5*	14,1	14,7	2,6	4
Monte altíssimo @ foz do Riacho Recurvo	4,5	25,3	26	4,6	2

Fator de conversão: [1 légua neerlandesa = 5,649 Km].
 Δ % = diferença percentual entre a distância citada no diário e a obtida no georreferenciamento.
 * por dedução, assumindo que a Mina de Utataparaba dista ½ légua (e não a distância caminhada em ½ dia) do Mijo de Ratos, e levando-se em conta a distância desse local à foz do Riepe Ratuba, 2 léguas neerlandesas, anotada por Hansen no dia 31/1/1650

Figura 18: O georreferenciamento da etapa [09 Mina Utataparaba @ local pernoite 5/2/1650], caso os dados de Hansen estejam corretos (Hipótese 2: *Kromme Rivier* = Riacho Poço dos Cavalos).

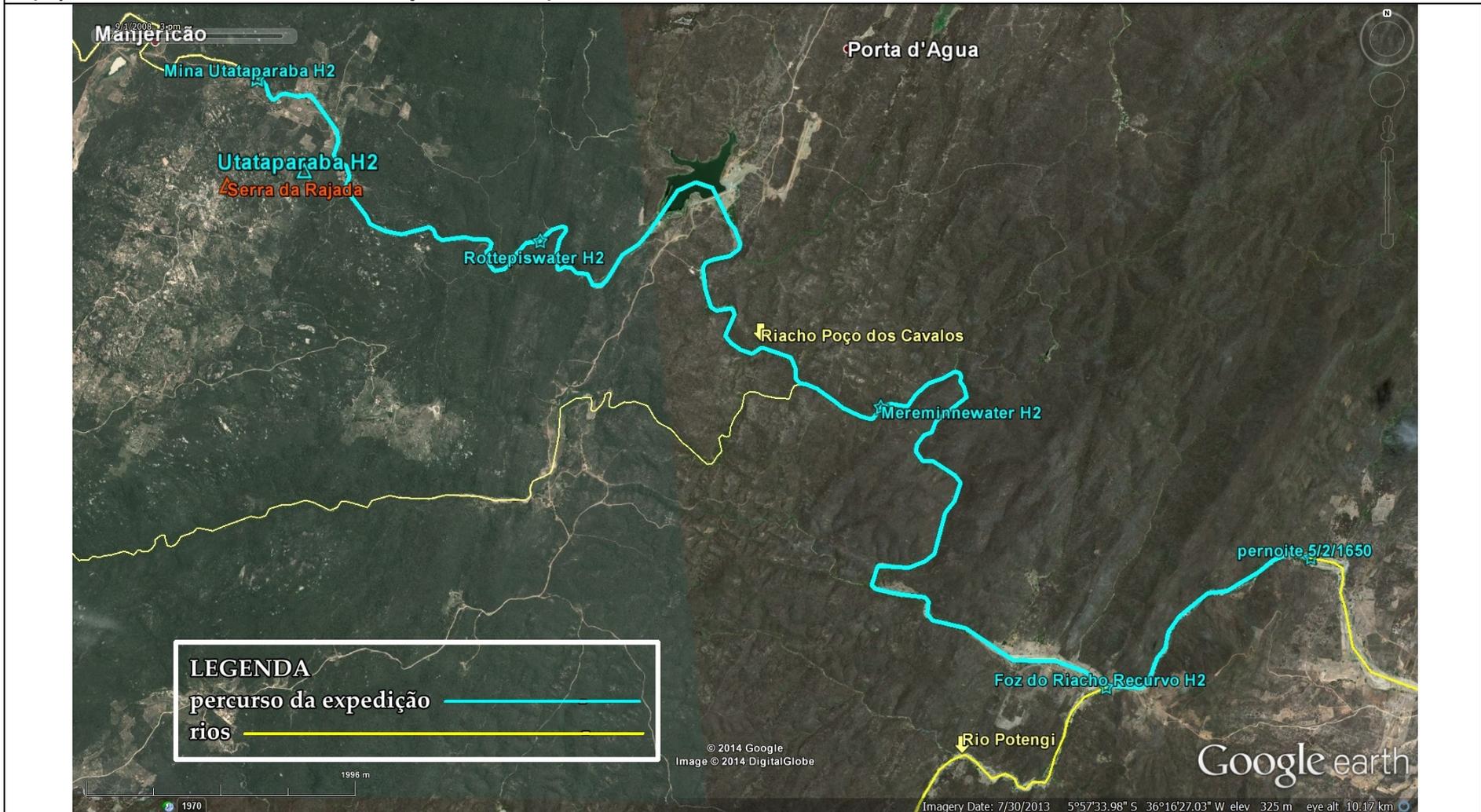


Figura 19: O georreferenciamento da etapa [08 Monte altíssimo @ Mina Utataparaba], caso os dados de Hansen estejam corretos (Hipótese 2: *Kromme Rivier* = Riacho Poço dos Cavalos).



O georreferenciamento do Trecho 4, o regresso da Mina do Camaragibe ao Forte do Rio Grande

As informações do retorno da expedição, tanto nos relatórios oficiais de Strucht e Houck, quanto no diário de Hansen, salvo quanto às datas, concordam entre si, o que indica terem sido percorridos os mesmos caminhos. Não há informação quanto aos detalhes da travessia do Rio Potengi, que na vinda foi realizada por bote, o que leva à admissão da possibilidade dela ter ocorrido no porto da Redinha, na barra do Potengi, pois, como indicado nos mapas neerlandeses da época, e citado nos comentários do relatório de Houck, havia bons caminhos entre o Forte e o Distrito de Potengi.

Todavia, deve-se descartar a possibilidade de terem marchado a pé da casa de Dirck Muller ao Forte, atravessado a vau o Rio Potengi, pois isso deveria ocorrer no Rio Jundiá, um pouco acima do que depois viria a ser o Engenho do Ferreiro Torto, no possível local da travessia a vau nesse rio próxima à *Cidade Nova*⁷⁴. O trajeto a pé da casa de Dirck Muller ao Forte do Rio Grande, assim feito, por caminhos na margem direita do Jundiá e do Potengi, é um arroteio de cerca de 32 Km, bem mais longo do que as 3 léguas holandesas citadas.

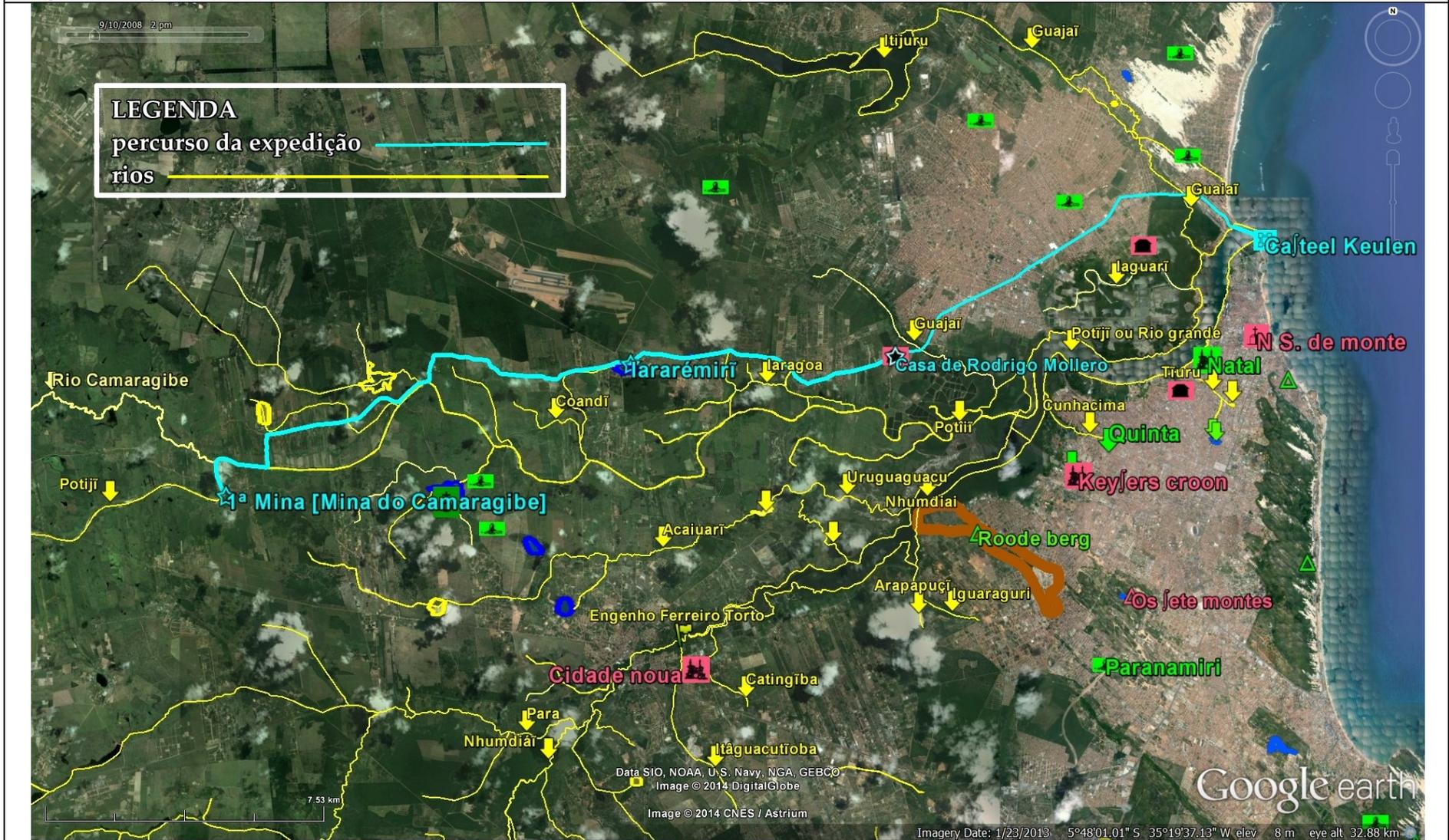
Não encontrou-se a notícia de haver serviço de transporte regular entre o portinho de Dirck Muller e o Forte, mas é admissível que houvesse entre a Redinha e o Forte, e essa foi a opção adotada neste estudo. Os relatos e o diário citam a distância de 3 léguas holandesas entre o Forte e a casa de Dirck Muller, o que está um pouco acima da distância segundo as melhores estimativas.

A distância da casa de Dirck Muller até a Redinha georreferenciada neste trabalho é de cerca de 11,2 Km, ou 2 léguas holandesas, que seriam percorridas em duas horas de marcha, e a distância do percurso por bote entre a Redinha e o Forte é de 0,9 Km, ou cerca de 0,2 légua holandesa, mas, por bote, estima-se que levasse cerca de uma hora, incluídos os tempos de embarque e desembarque - vide Figura 20.

Etapa/percurso	Diário		Georreferenciamento		Δ %
	Légua	Km	Km	Légua	
14 Mina do Camaragibe @ casa de Rodrigo Mollero	6	33,9	22,4	4,0	-34
casa Dirck Mulder @ Redinha			11,2	2,0	
Redinha @ Casteel Keulen			0,9	0,2	
15 casa de Rodrigo Mollero @ Castelo do Rio Grande	3	16,9	12,1	2,2	-29
Mina do Camaragibe @ Castelo do Rio Grande	9	50,8	34,5	6,2	-32
Fator de conversão: [1 légua neerlandesa = 5,649 Km].					
Δ % = diferença percentual entre a distância citada no diário e a obtida no georreferenciamento.					

⁷⁴ Cidade que consta nos mapas neerlandeses do século XVII, cuja localização precisa hoje é desconhecida, e que HAMEL, BULLESTRATE, BAS (1646; pg. 211) citam com o nome de Nova Amsterdam. A sua localização probabilística pode ser vista no georreferenciamento dos mapas de Marcgrave em PEREIRA (2010).

Figura 20: O georreferenciamento do Trecho 4: Retorno da Mina do Camaragibe ao Forte do Rio Grande.



Constatações e resultados das visitas *in loco*

Objetivou-se, com as visitas aos caminhos e locais apontados no estudo como possíveis entes geográficos citados nos relatórios de Strucht e Houck e no diário de Hansen, observar suas características, obter imagens e registrar suas coordenadas geográficas e altitude com GPS. Esses dados foram utilizados no estudo de suas características e localização correta ou probabilística.

Vários topônimos e locais citados na documentação foram reconhecidos por Olavo Medeiros Filho⁷⁵, conforme observa-se nas fotografias que publicou em 1989, e que as visitas recentemente feitas confirmaram como acertados:

- ⊕ Lagoa Jacaré-Mirim;
- ⊕ Rocas na margem esquerda do rio Potengi, a jusante da barra do rio Camaragibe;
- ⊕ Monte semeado de pedregulhos⁷⁶ no arredores da Mina do Camaragibe;
- ⊕ Montanha calva Itabita, ou Utapemba, conhecido atualmente como Serrote da Pedra Branca, em São Pedro do Potengi-RN;
- ⊕ Serra Vermelha, em Barcelona-RN, que possibilitou a localização do monte Apitange, a Serra da Arara, na margem direita do Potengi.

Já inseridos os reajustes necessários, elaborou-se a Tabela 11 com as coordenadas geográficas da localização probabilística dos locais mencionados ao longo do Rio Potengi, segundo as hipóteses trabalhadas.

Os locais no Riacho Recurvo, tais como a Água da Sereia, o Mijo de Ratos, a Mina de Itaberaba, e o Iporé, não foram especificamente tratados, e possivelmente também não foram previamente inspecionados por Olavo Medeiros Filho em seu estudo, no qual considerou o Riacho Recurvo como sendo o Riacho Santa Rosa, a às características divergentes às dos documentos, acima apontadas, acrescenta-se que esse riacho tem, como já mencionado, somente 22 Km de extensão, insuficiente para as 4½ léguas holandesas requeridas pelos relatos, e, no vale, na sua nascente, não há área espaçosa o suficiente e com solo adequado para roças e uma aldeia de brasileiros.

Todos os locais do Riacho Recurvo considerados como os topônimos na documentação primária, inicialmente localizados pelo critério da distância da sua foz no Rio Potengi, tanto na H1, considerando-se o Riacho do Boqueirão, quanto na H2, estudando-se o Riacho Poço dos Cavalos, foram visitados e suas características confrontadas com as dos documentos, e suas posições, quando necessário, reajustadas. As características observadas *in loco* e dados relevantes estão relacionados, assim como as suas fotografias, nas Tabelas 12 a 15.

O acesso à possível posição do Mijo de Ratos, no Riacho Poço dos Cavalos, quando feito caminhando-se pelo seu leito, passa pelo Poço Velho, um apertado, ou garganta estreita e com obstáculos, constituindo um ponto de atenção quando se avalia as condições de acesso à Mina de Utataparaba/Itaberaba. Isso não é citado nos relatórios oficiais, onde seria esperado, nem no diário, o que reforça a possibilidade da expedição não ter explorado esse riacho - vide Tabela 16.

No apertado há, ainda, itacoatieras pré-históricas percutidas na rocha, misturadas com grafitos modernos, e o vento, devido às formas curvilíneas esculpidas nas altas paredes pela forte corrente d'água na estação das chuvas, cria sons de baixa frequência, o que poderia ser uma característica da Água da Sereia, um local mal-assombrado. Todavia, o Poço Velho dista cerca de 10,4 Km, ou 1,8 léguas holandesas da foz do Poço dos Cavalos no Potengi, o que destoaria da distância citada em todos os documentos, cerca de 1 légua holandesa.

⁷⁵ (MEDEIROS Filho, 1989; 98-100).

⁷⁶ CARVALHO (1907; p. 165): "monte semeiado de pedregulhos grandes e pequenos".

Todos os caminhos de acesso foram registrados com GPS, e aqueles inéditos nos mapas GPS utilizados em navegação automobilística, bicicletas ou a pé, foram encaminhados a editores para atualização e disponibilização na *web*⁷⁷, facilitando aos estudiosos e ao público em geral visitar os locais citados neste estudo.

O registro e os reajustes também possibilitaram a edição de um arquivo no Google Earth, com o georreferenciamento dos possíveis percursos e locais visitados pela expedição neerlandesa de 1650, ajustados às características observadas *in loco*, nas duas hipóteses consideradas neste estudo.⁷⁸

Tabela 11: Coordenadas Geográficas dos topônimos do Forte do Rio Grande à foz do Riacho Recurvo.			
Topônimo	Natureza	Coordenadas Geográficas	
		H1	H2
Apitange	monte	5°56'57.18"S 35°54'59.15"W	idem
Caicatinga	local de pernoite	5°53'54.88"S 35°48'4.30"W	idem
Cajueiros	campina	5°47'4.55"S 35°20'19.53"W	idem
Camaragibe	mina de prata	5°49'6.22"S 35°27'0.66"W	idem
Camaragibe	foz do rio	5°48'37.14"S 35°27'12.01"W	idem
Capiboretouba (foz)	Riacho Retorto	5°56'56.06"S 35°59'20.66"W	5°58'47.41"S 36°14'50.13"W
Cuité Coyeté	local de pernoite	5°51'20.97"S 35°33'57.51"W	idem
Dirck Mulder	casa	5°47'4.09"S 35°17'8.88"W	idem
Dirck Mulder	portinho fluvial na m.d. do Riacho Guajaí	5°47'14.49"S 35°16'23.06"W	idem
Forte do Rio Grande	fortaleza	5°45'22.64"S 35°11'41.41"W	idem
grande lagoa	grande lagoa de boa água	5°47'27.44"S 35°24'48.41"W	idem
Itabita	monte pedregoso local de pernoite	5°52'34.95"S 35°38'26.29"W	idem
Jacaré-Mirim	lagoa	5°47'11.07"S 35°21'2.87"W	idem
Pabuna	riacho	5°47'17.48"S 35°18'40.23"W	idem
Paraupaba	acampamento de brasileiros	5°47'3.33"S 35°19'34.62"W	idem
Rodrigo Mollero (*)	casa		
Tabiane (**)	local de pernoite	-	5°53'52.64"S 35°48'3.63"W
Tingesiade	poça d'água local de pernoite	5°57'28.76"S 35°54'30.71"W	5°57'7.44"S 35°55'25.31"W
Utapemba (***)	altíssima roca (margem do Potengi)		
<p><i>Notas:</i> (*) vide Dirck Mulder. (**) coincide com Caycatinga. (***) vide Itabita.</p>			

⁷⁷ Os trajetos registrados foram encaminhados ao Projeto Tracksource, cujos mapas para GPS estão disponíveis para *download* em http://www.tracksource.org.br/desenv/tabela_mapsets.php, acesso em 24/7/2014.

⁷⁸ Arquivo *Georreferenciamento do percurso da expedição em busca das minas de prata no Rio Grande Holandês em 1650*, que brevemente será disponibilizado no site Atlas Digital da América Lusa, Coleção Levy Pereira, http://lhs.unb.br/biblioatlas/Cole%C3%A7%C3%A3o_Levy_Pereira.

Tabela 12: Características dos locais visitados no vale do Riacho do Boqueirão (Riacho Recurvo na Hipótese 1).					
Local	Referência Atual	Coordenadas Geográficas	Características	Fotografia	Conformidade à Documentação
foz	A barra está entre as fazendas Barra Nova e Extrema; município de São Tomé-RN.	5°56'56.06"S 35°59'20.66"W	- Rumo do Rio Potengi: W.SW (medido 242º); - Rumo do Riacho do Boqueirão: NW (medido 320º), que deveria ser W.NW (292,5º).	5 Tabela 13	parcial
Água da Sereia; <i>Mereminnewater</i>	Açude Luciano; barragem no Riacho do Boqueirão; município de São Tomé-RN.	5°54'56.14"S 36° 0'7.96"W	- Há poço d'água no leito do riacho que, conforme a tradição oral, abastecia a população local no período de estio, e que atualmente está submerso pelas águas do açude, construído em 1958.	7 Tabela 13	Possivelmente sim.
Mijo de Ratos; <i>Rottepiswater</i>	Barra do Riacho Olho d'Água; município de São Tomé-RN.	5°53'57.23"S 36° 2'3.83"W	- Rocha de grande porte na m.d. do riacho; - Há várias depressões em sua superfície, formando um conjunto de bacias, ou tanques d'água naturais; - Há uma grande rocha fraturada existente por trás e contígua aos tanques, onde pode ter havido colônia de mocós em suas frestas; - Há uma barragem artificial no leito do riacho e no tanque que abastece d'água uma pedreira nas proximidades.	3 e 6 Tabela 13	sim
Mina de Itaberaba; Mina Utataparaba	Fazenda Pica-Pau; município de São Tomé-RN.	5°53'0.44"S 36° 2'5.42"W	- Rocas junto à m.d. do riacho, na área alagada do açude da Fazenda Ingá, na barra do Riacho Tábuá; - Não há rocas à beira do riacho por cerca de 1,5 Km a montante.	8 Tabela 13	sim
Serra Itaberaba; Serra Utataparaba	Serra do Pica-Pau, cota 435m; município de São Tomé-RN.	5°53'9.74"S 36° 3'16.18"W	- Marco de paisagem; - Recoberta com pouca vegetação; - Distante cerca de 900 m do riacho.	4	sim
Iporé; monte altíssimo	Povoado do Rio Novo; município de Caiçara do Rio do Vento-RN.	5°49'46.22"S 36° 3'45.28"W	- Situa-se próximo à nascente do Rio do Vento; - Há área e solo adequados para roças e aldeia; - Não encontrou-se vestígios de aldeia indígena; - Área cercada de montes altos, entre os quais a Serra da Corcunda; - Chega-se lá pelos boqueirões leste e oeste da Serra do Boqueirão, uma serra retilínea e longa; - Numa grota da Serra do Boqueirão, há um tanque natural com água salobra perene.	9 e 10 Tabela 13	Possivelmente sim.
Nota: a sigla <i>m.e.</i> significa margem esquerda de curso d'água; <i>m.d.</i> margem direita; N: norte; S: sul; RN: Rio Grande do Norte.					

Tabela 13: Fotografias dos locais visitados no Riacho do Boqueirão (Riacho Recurvo na Hipótese 1).



Fotografia 5: Barra do Riacho do Boqueirão no Rio Potengi (fotógrafo: Onesimo Santos).



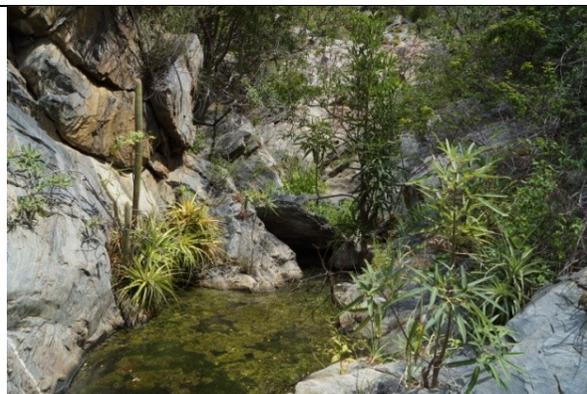
Fotografia 6: Rocha com tanques naturais na m.d. do Riacho do Boqueirão, no possível local do Mijo de Ratos.



Fotografia 7: O Açude Luciano, possível local da Água da Sereia.



Fotografia 8: Rochas, em primeiro plano, no açude do Riacho do Boqueirão, o possível local da Mina de Itabiraba.



Fotografia 9: Poço d'água salobra perene, na Serra do Boqueirão, próximo ao povoado de Rio Novo, município de Caiçara do Rio do Vento-RN (posição: 5°50'19.02"S 36° 4'17.22"W; fotógrafo: Onesimo Santos).



Fotografia 10: Vista da possível área do Iporé, com a Serra da Corcunda ao fundo (fotógrafo: Onesimo Santos).

m.d. = margem direita de curso d'água.

Tabela 14: Características dos locais visitados no vale do Riacho Poço dos Cavalos (Riacho Recurvo na Hipótese 2).					
Local	Referência Atual	Coordenadas Geográficas	Características	Fotografia	Conformidade à Documentação
foz	Sítio da Serra Aguda; município de São Tomé-RN.	5°58'47.41"S 36°14'50.13"W	- Rumo do Rio Potengi: S.SW (medido 210º); deveria ser W.SW (247,5º);); - Rumo do Riacho Poço dos Cavalos: W.NW (medido 293º); - Avista-se a oeste, uma serra com formato de sela.	11 Tabela 15	parcial
Água da Sereia; <i>Mereminnewater</i>	Fazenda Porta d'Água; município de Cerro Corá-RN.	5°57'33.34"S 36°15'50.89"W	- Na barra de dois riachos afluentes m.e.; - Há um lajedo no leito formando uma pequena barragem; - Não há poça d'água.	21	não
Mijo de Ratos; <i>Rottepiswater</i>	Fazenda Porta d'Água; município de Cerro Corá-RN.	5°56'50.21"S 36°17'20.92"W	- Na barra de riacho afluente m.e.; - Não há uma roca alta, frestas ou buracos com água, nem vestígios de mocós.	13 Tabela 15	não
Mina de Itaberaba; Mina Utataparaba	Sítio Azul; município de Cerro Corá-RN.	5°56'15.74"S 36°18'18.00"W	- Há rochas na m.d. do riacho; - Não há vestígio de exploração de minério; - O vale fica nas faldas da Serra da Rajada.	14 Tabela 15	não
Serra Itaberaba; Serra Utataparaba	Serra da Rajada; município de Cerro Corá-RN.	5°56'31.16"S 36°18'27.04"W	- O sopé da serra está junto ao riacho.	15 Tabela 15	não
Iporé; monte altíssimo	Área denominada Serra Verde e Serra Preta; limite dos municípios de Cerro Corá-RN e Bodo-RN.	5°57'44.09"S 36°21'58.49"W	- Há três serras circundando a área: a Serra Preta, alta e de formado arredondado, a Serra Verde, uma mesa, e uma serra sem nome específico; - Há área e solo para plantio de roças, açudes que podem ter sido aproveitamento de poças naturais terreno, e há água suficiente para manter árvores de porte médio; - Há muitas rochas de formas interessantes, que dificilmente deixariam de serem mencionadas.	16 Tabela 15	possivelmente sim
Nota: a sigla <i>m.e.</i> significa margem esquerda; <i>m.d.</i> margem direita; N: norte; S: sul; SW: sudoeste; NW: noroeste; RN: Rio Grande do Norte.					

Tabela 15: Fotografias dos locais visitados no Riacho Poço dos Cavalos (Riacho Recurvo na Hipótese 2).



Fotografia 11: Foz do Riacho Poço dos Cavalos no Rio Potengi.



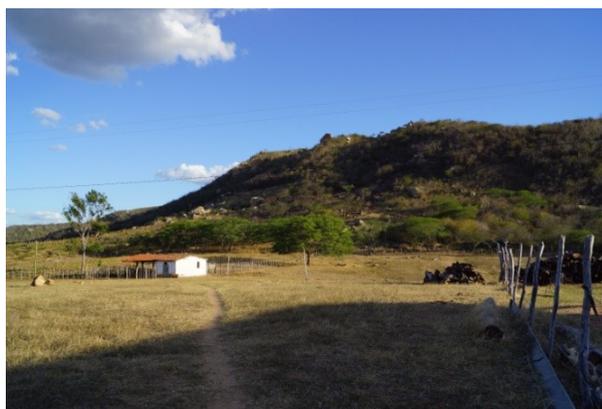
Fotografia 12: Serra, a oeste e ao fundo, com a forma de sela, avistada da foz do Riacho Poço dos Cavalos (fotógrafo: Onesimo Santos).



Fotografia 13: Leito do Riacho Poço dos Cavalos no local estimado para o Mijo de Ratos (fotógrafo: Gustavo Lyra).



Fotografia 14 - Rochas próximas ao Riacho Poço dos Cavalos, possível local da Mina de Utataparaba.



Fotografia 15 - Serra da Rajada, o possível monte Utataparaba, avistada do vale do Riacho Poço dos Cavalos.



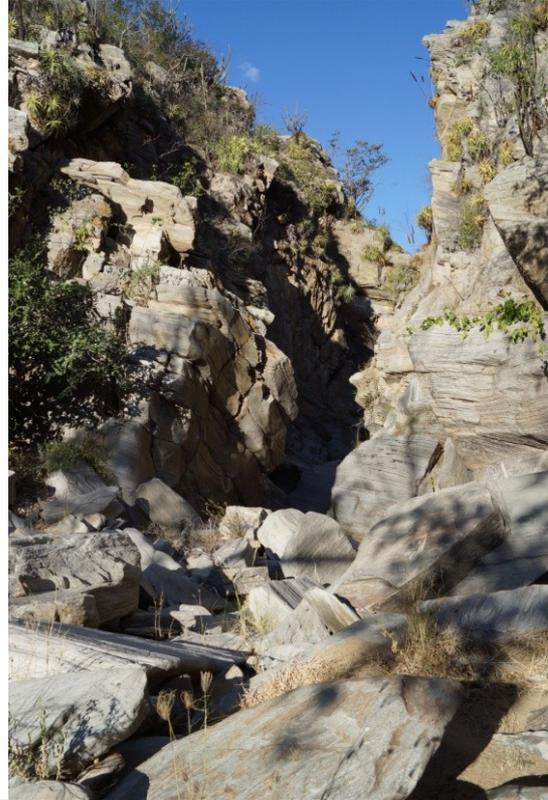
Fotografia 16 - Vista da área do Iporé e monte altíssimo, a Serra Preta, na cabeceira do Riacho Poço dos Cavalos.

Tabela 16: Fotografias do apertado do Poço Velho (5°56'58.66"S 36°17'10.04"W), no Riacho Poço dos Cavalos (Riacho Recurvo na Hipótese 2).

Fotografia 17 - Saída do Poço Velho, um apertado ou *canyon*, no Riacho Poço dos Cavalos, com cerca de 20 m de altura.



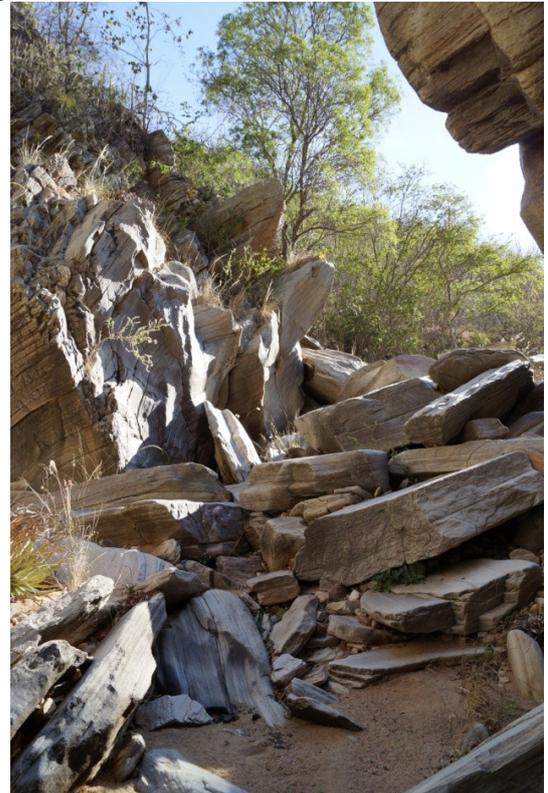
Fotografia 18 - Entrada do apertado do Poço Velho, no Riacho Poço dos Cavalos.



Fotografia 19 - Itacoatiaras e grafitos no apertado do Poço Velho.



Fotografia 20 - Obstáculos na entrada do apertado do Poço Velho.



Fotografia 21: O possível local da Água da Sereia no Riacho Poço dos Cavalos, o Riacho Recurvo na Hipótese 2 (fotógrafo: Gustavo Lyra).



Destaca-se, nos resultados das visitas, a comprovação da existência de tanques naturais numa rocha à margem do Riacho do Boqueirão - Fotografias 3 e 6 - e a de um olho d'água salobra perene numa grota na serra paralela à Serra do Boqueirão, próximo à nascente do Rio do Vento - Fotografia 9, cujas características aderem muito bem, respectivamente, às descrições do Mijo de Ratos na documentação primária, e a da fonte descrita no diário de Hansen⁷⁹:

Depois de andar umas 2 léguas, chegamos a um monte altíssimo cujo topo era invisível. Ao sopé do monte brotava uma fonte cristalina, mas quando tentamos beber dela a água era tão salgada e salitrosa, devido à presença do mineral que provavelmente havia no monte. Também era impossível observar o monte por causa dos raios ofuscantes do sol que brilhava nele, e que se estendia por uma légua de distância. Havia nele algumas árvores secas, e pelo resto era como se fosse um monte de prata só. O engenheiro queria escalá-lo uma parte, e assim fui lá com Pedro Persijn, o comandante dos tapuias; e fomos subindo ao topo até à entrada da noite.

O olho d'água visitado encontra-se numa posição mais elevada, cerca de 45 m em relação ao fundo do vale, e é possível chegar até ele subindo a grota com alguma dificuldade. A partir dele, o restante da serra, ou monte, pode ser escalado por uma senda natural na sua encosta.

Acredita-se que a boa conformidade das características dos locais acima mencionados incrementa a probabilidade da Hipótese 1.

⁷⁹ (HANSEN, 1995; pg. 87).

Conclusões e comentários

As novas informações contidas nas traduções do professor Benjamin Nicolaas Teensma —a íntegra dos relatórios oficiais de Pieter Van Strucht e de Jan Houck, e o fragmento do diário de Peter Hansen — permitiram, neste estudo, revisões, constatações e conclusões para se identificar o percurso da expedição neerlandesa à procura de minérios no Rio Grande Holandês em 1650, entre elas:

- 1) Desenvolver mais uma abordagem derivada das informações de um documento coevo e inédito sobre essa expedição, o diário do soldado alemão Peter Hansen, lotado na guarnição do Forte do Rio Grande, que participou dessa entrada exploratória.
- 2) Averiguar que o artigo de Alfredo de Carvalho, publicado em 1907:
 - ⊕ Omite detalhes importantes, tais como a situação da foz do Riacho Recurvo, e a distância entre o Mijo de Ratos e o Iporé, que encontram-se registrados nos relatórios de 1650 do engenheiro Pieter Van Strucht e de Jan Houck, bailio do Rio Grande;
 - ⊕ Acresce duas léguas holandesas à distância da foz do Riacho Recurvo à Água da Sereia, e, conseqüentemente, às distâncias dessa foz ao Mijo de Ratos e à Mina de Itabiraba.
- 3) Cooptar a interpretação geográfica da situação dos topônimos e do caminho percorrido do Forte do Rio Grande até o monte Itabita, ou Utapemba, feita pelo professor Olavo de Medeiros Filho, em 1989.
- 4) Reconhecer que o Riacho Santa Rosa não atende aos requisitos para ser o Riacho Recurvo, conforme proposto por Olavo Medeiros Filho, que baseia-se no artigo publicado por Alfredo de Carvalho em 1907.
- 5) Averiguar que há concordância nas distâncias percorridas nas etapas citadas nos relatórios oficiais de Strucht e Houck.
- 6) Constatar haver concordância nas distâncias citadas por Hansen com os relatórios oficiais nos trechos entre o Forte do Rio Grande e o monte Utapemba/Itabita, e entre a foz do Riacho Recurvo e Iporé, ou ao monte altíssimo, ponto extremo alcançado por essa expedição.
- 7) Certificar haver discordância nas distâncias citadas do diário de Hansen com as dos relatórios oficiais, no trecho entre o Monte Utapemba, ou Itabita, e a foz do Riacho Recurvo.
- 8) Propor e avaliar duas possibilidades, ou hipóteses, para a identificação do Riacho Recurvo, ambos afluentes da margem esquerda do Rio Potengi:
 - ⊕ O Riacho do Boqueirão, que conforma-se com as distâncias citadas por Strucht e Houck;
 - ⊕ O Riacho Poço dos Cavalos, que combina com os dados registrados por Hansen.
- 9) Disponibilizar uma proposta georreferenciada para os percursos e locais citados na documentação primária dessa expedição.
- 10) Observar haver discordância nas datas das etapas percorridas pela expedição registradas por Hansen com as de Strucht e Houck.

A Tabela abaixo resume as principais diferenças quando compara-se os dados dos relatórios oficiais com os do diário de Peter Hansen:

Fonte	Data da		Quantidade		Percurso (léguas holandesa)		
	Partida	Chegada	etapas	dias	Total	léguas/dia	
					Forte - Iporé	ida	retorno
Strucht/Houck	25/1/1650	3/2/1650	10	10	26,5	4,8	6,1
Hansen	26/1/1650	11/2/1650	15	17	33,5	4,0	4,5

Valida-se, no presente estudo, as propostas do professor Olavo Medeiros Filho para a localização dos topônimos entre o Forte do Rio Grande e o monte Itabita/Utapemba, tais como a localização do portinho e a casa de Dirck Muller, o riacho Upabuna, a lagoa Jacaré-Mirim, as rocas próximas à barra do rio Camaragibe, e, ressalvados pequenos detalhes, a posição da Mina do Camaragibe. Também concorda-se que o Monte Itabita/Utapemba pode ser o Serrote da Pedra Branca, à margem do rio Potengi e ao norte da cidade de São Pedro-RN, assim como, com algumas ressalvas, com a situação geral do Monte Apitange, a Serra Vermelha para o professor Olavo Medeiros Filho, e a Serra da Arara, neste estudo.

A análise dos dados de distâncias percorridas pela expedição, conforme citadas no diário de Hansen, demonstra haver inconsistência entre as distâncias das etapas da ida do Forte do Rio Grande ao Iporé, quando confrontadas com as do retorno, e constata-se que a distância entre a Mina de Utataparaba e o Forte do Rio Grande, citada em 96.578 passos duplos, também tem valor diferente do obtido pelo somatório das etapas.

Essas inconsistências podem ser explicadas pela seguinte observação do professor Benjamin Teensma, comentando o método de medir distâncias pela contagem de passos duplos e a confiabilidade dos apontamentos de Hansen:

A contagem de milhares de passos duplos, andando uma vez sobre areia e outra por entre pedras, rocas e arbustos; e sempre por trajetos ziguezagueantes, é uma tarefa sobre-humana, e com resultados falíveis. Também entra em jogo o simples fator do cansaço físico, que ocasiona que os passos da madrugada são maiores que os passos do meio-dia e da tarde. Finalmente o juvenil contador Peter Hansen foi mais impetuoso e menos fiável que seus superiores acadêmicos Strucht e Houck.⁸⁰

Outro dado anômalo citado no diário, numa narrativa algo confusa de Hansen, está no trecho percorrido na ida, entre a lagoa, ou melhor, a poça Tingeciade, presumivelmente junto ao monte Apitange, e a grande roca, o Mijo de Ratos, no vale do Riepe Ratuba/Riacho Recurvo, no dia 31 de janeiro de 1650: se esse afluente do Potengi for o Riacho Poço dos Cavalos, a distância percorrida naquele dia seria de 57,4 Km, cerca de 10,1 léguas holandesas, feito dificilmente praticável ou crível.

Pelo lado positivo, esse diário acresceu detalhes importantes, porém, como se percebe, também tem a sua Água da Sereia, pois apresenta dados encantadoramente precisos, possivelmente meras coincidências, como o da distância total calculada pela soma das distâncias das etapas, em léguas holandesas, entre Utapemba, o Serrote da Pedra Branca, e a foz do Riacho Poço dos Cavalos, o elusivo Riepe Ratuba ou Riacho Recurvo, diferindo com a obtida pelo georreferenciamento por somente 700 m, e a existência de uma serra em forma de sela, que pode ser avistada da foz desse riacho no Rio Potengi⁸¹.

⁸⁰ Carta de B. N. Teensma, de 12 de agosto de 2014, ao autor.

⁸¹ Fotografia 12.

O fragmento do diário de Peter Hansen também se revelou como as minas de prata, promissor e preciso à primeira vista, fulgurando com a citação dos 96.578 passos duplos para a distância entre o Forte do Rio Grande e a Mina de Utataparaba/Itabiraba. Todavia, sua análise revelou imprecisões, que reduzem sua credibilidade como fonte para o georreferenciamento e localização do Riacho Poço dos Cavalos como o Riacho Recurvo.

Quanto à diferença das datas das anotações do diário de Hansen, sempre posteriores às dos relatórios oficiais para os mesmos eventos, não foi possível estabelecer uma explicação objetiva para essa discrepância temporal, mas sabe-se que isso não está relacionado com a utilização de calendário juliano por Strucht e Houck, conhecido à época como calendário Velho Estilo, ou do calendário gregoriano, por Hansen, denominado Novo Estilo, pois a diferença para uma mesma data entre esses dois calendários, é de 10 dias justos. Exemplo: 1 de fevereiro no calendário juliano é 10 de fevereiro no gregoriano⁸².

Ao que se pode depreender, por esse ou por outros indícios, concorda-se com a sugestão do professor Benjamin Teensma de que Hansen utilizou um borrador para fazer suas anotações de campo e, algum tempo depois, as lançou em seu diário, ocorrendo nesse ato as divergências nas datas e dados⁸³.

Recomenda-se, face a essa importante divergência, que seja empreendida uma pesquisa relativa à consistência das datas de outros episódios registrados no diário de Hansen, confrontando-as com a documentação oficial da WIC⁸⁴.

As visitas aos locais em estudo permitiram constatar que as características observadas demonstram que o Riacho do Boqueirão tem mais congruências com as documentadas para o Riacho Recurvo, apesar de que algumas delas não tenham sido comprovadas. Por exemplo, ainda não se encontrou vestígios de aldeia de brasileiros na região na nascente do Rio do Vento, e o rumo do Riacho do Boqueirão na barra do Potengi diverge ligeiramente do citado.

A constatação da existência do Poço Velho no leito do Riacho Poço dos Cavalos⁸⁵, notável formação natural, um magnífico apertado, ou *canyon*, dificilmente deixaria de ser mencionada pelo engenheiro Pieter van Strucht e o bailio do Rio Grande, Jan Houck, ou o soldado Peter Hansen, pois trata-se de obstáculo formidável no caminho para a mina de Utataparaba/Itabiraba, e essa omissão reduz a probabilidade dos expedicionários terem explorado esse riacho.

Nesse sentido, o professor Benjamin Teensma, estudioso dos aspectos psicológicos de vários personagens históricos do Brasil Holandês, ao avaliar o "seco laconismo desses europeus do século XVII diante de fenômenos naturais de tamanha envergadura", observa:

Hansen é o mais emocionado dos três, porque descreve com bastante relevo a beleza da "altíssima roca modelada pela natureza como o castelo mais belo que se podia admirar com os olhos", e dos sussurros do vento no cume do "monte altíssimo cujo topo era invisível". Strucht e Houck, como

⁸² Avaliou-se essa possibilidade após o professor Benjamin Teensma, em carta de 17 de agosto de 2014, ao autor, informar:

Na página 12 da Introdução (= Einleitung) da edição alemã do texto de Hansen de 1995 lemos:

Hansen benutzte in niederländischen Diensten den Gregorianischen Kalender im "New Stil", für alle weiteren Datumsangaben verwendete er den damals in den Herzogtümern Schleswig und Holstein noch üblichen Julianischen Kalender.

[Tradução] Hansen usou nos serviços neerlandeses o calendário gregoriano no Estilo Novo, e para todas as demais datações o calendário juliano, então ainda em uso nos Ducados de Schleswig e Holstein.

⁸³ Carta de B. N. Teensma, de 23 de julho de 2014, ao autor:

Penso que o Hansen escreveu o episódio da Expedição Potengi 1650 bastante mais tarde, no Forte Keulen, à base dum livrinho borrador em que apontava suas coisas durante a expedição. Em estilo telegrama, e com muitas abreviações. Dias/semanas depois nem ele foi capaz de compreender tudo!

⁸⁴ WIC - *Geoctroyerd West-Indische Compagnie*, a Companhia das Índias Ocidentais, sediada em Amsterdam, na Holanda.

⁸⁵ Vide Fotografias 17 a 20.

funcionários exemplares, reduzem-se a mencionar sem emoção os objetivos da sua missão: determinar a locação das minas, sua acessibilidade e possibilidades da exploração.⁸⁶

Não se conseguiu determinar neste estudo, conclusivamente, qual é efetivamente o Riacho Recurvo, e, a rigor, isso só será possível com mais pesquisas que revelem outros documentos coevos, ou que levantem novos indícios, que, porventura, venham a explicitar as diferenças constatadas entre os registros do soldado Hansen e os relatórios oficiais. Por exemplo, localizando-se e interpretando-se o mapa completo desenhado pelo Engenheiro Strucht⁸⁷, cujo paradeiro hoje é desconhecido, ou descobrindo-se em campo algum vestígio da expedição neerlandesa de 1650 no Rio Grande.

Se o diário de Hansen não houvesse sido encontrado e publicado em 1995, não haveria hesitação em se indicar o Riacho do Boqueirão como o Riacho Recurvo, pois não há contradição nas distâncias citadas nos relatórios de Strucht e Houck. Todavia, constata-se que as informações de distâncias nesse diário estabelecem a possibilidade do Recurvo ser o Riacho Poço dos Cavalos.

O diário de Peter Hansen, ao ser analisado, revelou que se deve guardar as devidas reservas quanto à sua fiabilidade, pois apresenta antagonismos. Esse fato, aliado à constatação da existência de obstáculos naturais no leito do Riacho Recurvo, não citadas nas fontes primárias, e que dificultariam bastante a acessibilidade à mina de Utataparaba/Itabiraba, reduz a conformidade das características do Riacho Poço dos Cavalos às descritas nas fontes primárias.

Não há obstáculos naturais de vulto no leito do Riacho do Boqueirão, e sua congruência com as características descritas na documentação primária é quase total. Combinando-se isso com as reservas sobre a fiabilidade do diário de Peter Hansen, conclui-se que há fortíssimos indícios apontando a alta probabilidade do Riacho Recurvo ser efetivamente o Riacho do Boqueirão, e o Iporé estar na nascente do Rio do Vento.

⁸⁶ Carta de B. N. Teensma, de 28 de agosto de 2014, ao autor. Contudo, Pieter Van Strucht (1650; fol. 5) expressa alguma emoção em seu relatório, ao admitir estar "mui zangado" ao citar o comportamento de Pieter Persijn no dia 30/1/1650.

⁸⁷ (HANSEN, 1995; pg. 89).

Bibliografia e iconografia

BARO, R.: Relation dv voyage de Roulox Baro, Interprete et Ambassadevr ordinaire de la Compagnie des Indes d'Occident ... au pays des Tapuiés dans la terre ferme du Bresil. [Traduit d'Hollandois en François par Pierre Moreav de Paray en Charolois], pg. 195-246. In: *Relations veritables et cvrievses de L'Isle de Madagascar, et dv Bresil*. A Paris, chez Avgvstin Covrbé, au Palais en la Gallerie des Merciers, à la Palme. MDCLI [1651]. Disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k104519k/f210.image>. Acesso em 24 de junho de 2014.

CARVALHO, A.: Minas de ouro e prata no Rio Grande do Norte — Explorações holandesas no Século XVII. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*. Vol. III, nº1. Janeiro de 1905.

Capitania de Rio Grande. [mapa]; [mapa fonte circa 1639-1640]. In Cristina Atlas [J. Vingboons fecit.], BAV Reg. Lat. 2106 f.035. Biblioteca Apostólica Vaticana. Cidade do Vaticano.

MEDEIROS Filho, O.: A viagem de Roulox Baro ao País dos Tapuias (1647). In: *No Rastro dos Flamengos*. Natal-RN: Fundação José Augusto, 1989. p. 73-86.

MEDEIROS Filho, O.: As Minas de Camarajibe e Iporé (1650). In: *No Rastro dos Flamengos*. Natal-RN: Fundação José Augusto, 1989. p. 87-101.

HAMEL, H.; BULLESTRATE, A.; BAS, P. J.: Relatório apresentado por escrito aos nobres e poderosos senhores deputados do Conselho dos XIX, e entregue pelos senhores H. Hamel, Adriaen Van Bullestrate e P. Jansen Bas, sobre a situação e a organização dos referidos países, tal como se encontravam ao tempo de seu governo e de sua partida dali, em 20 de agosto de 1646. In GONSALVES DE MELLO, J. A.: *Fontes para a história do Brasil Holandês, vol. 2 - A administração da conquista*. Parque Histórico Nacional dos Guararapes, MEC/SPHAN/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA, Recife, Pernambuco, Brasil, 1985, DOCUMENTO 5, pg. 205-300.

HANSEN, P.: Viagem à mina de prata de Utataparaba. [Tradução de Benjamin Nicolaas Teensma]. In: IBOLD, F.; JÄGER J.; KRAACK D. [Editores]. *Das memorial und Jurenal des Peter Hansen Hajstrup (1624-1672)*. Quellen und Forschungen zur Geschichte Schleswig-Holsteins, Band 103. Neumünster, Wachholtz Verlag, 1995. ISSN 0173-0940, ISBN 3.529.02203.9. Fragment C: Die Reise nach Brasilien. p. 86-89.

HOUCK, J.: *Jornal da viagem feita à mina no Rio Grande, escrito pelo bailio Jan Houck. 4/2/1650*. [Tradução de Benjamin Nicolaas Teensma]. NL-HaNA, OWIC, 1.05.01.01, nr. inv. 65, nr. consecutivo 197; 7-10.

MARCGRAVE, G. [mapa] Præfecturæ de Paraiba, et Rio Grande [1647], [mapa]. In: Blaeu, J. *America, quæ est Geographiæ Blavianæ : Pars Qvinta, Liber Vnvs, Volvmen Vndecimvm*. Amstelædami Labore & Sumptibus Ioannis Blæv, MDCLXII [1662], fol. 147. Biblioteca Nacional de España, Madrid. [Signatura GMG/1121].

MARGRAVE, J.: *História Natural do Brasil*. [1648] Tradução do Mons. Dr. José Procópio de Magalhães, Museu Paulista, São Paulo, SP, Brasil, 1942.

MARCGRAVI, Georgi: *Historiæ Rervm Natvralivm Brasiliz*. In: PISONIS, G.; MARCGRAVI, G.: *Historia Natvralis Brasiliz: Auspicio et Beneficio Illvstris I. MaVritii Com. Nassav ...*. Lvgdvn Batavorvm apud Franciscum Hackium et Amstelodami apud Lud. Elzevirium, [Organizado por Joannes de Laet], [Holanda], 1648.

Versão original, em latim, disponível em

<http://ia600308.us.archive.org/attachpdf.php?file=%2F13%2Fitems%2Fhistorianaturali12piso%2Fhistorianaturali12piso.pdf>, acesso em 30/09/2013.

MARGGRAPHIUS, G. Brasilia qua parte paret Belgis, [1647], [mapa mural]. In: *Klencke Atlas*, mapa nº 38. Kees Dierkz et filius D. K. compegerunt anno 1660. British Library, Londres, Inglaterra.

MORISOT, C. B.: Remarques dv Sievr Morisot sur le voyage de Roulox Baro, au pays des Tapuies, pg. 247-307. In: *Relations veritables et cvrieuses de L'Isle de Madagascar, et dv Bresil*. A Paris, chez Avgvstin Covrbé, au Palais en la Gallerie des Merciers, à la Palme. MDCLI [1651]. Disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k104519k/f262.image>. Acesso em 24 de junho de 2014.

PEREIRA, L.: *Georreferenciamento do mapa do Brasil Holandês de George Marcgrave, o BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS*. [Arquivos para instalação no Google Earth, versão 1.0, de 4/7/2010]. In: BiblioAtlas - Biblioteca de Referências do Atlas Digital da América Lusa. Disponível em: http://lhs.unb.br/wiki_files/HISTORIA.exe. Acesso em: 22 de junho de 2014.

STRUCHT, P.: *Relatório da viagem à mina de prata, que eu, subscrito, fiz por ordem dos Nobres e Poderosos Senhores, com o escoteto Jan Houck e com Pieter Persijn, ... 4/2/1650*. [Tradução de Benjamin Nicolaas Teensma]. NL-HaNA, OWIC, 1.05.01.01, nr. inv. 65, nr. consecutivo 197; 1-6.

TEENSMA, B. N.: *Os mocós da Itabiraba do Córrego Retorto*. Texto de palestra no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte-IHGRN. Natal-RN. 25/9/2014. 17 p.

Agradecimentos

- ⊕ Ao professor Benjamin Nicolaas Teensma pelo apoio, sugestões, contribuições, correções, e disponibilização das traduções do fragmento do diário de Peter Hansen e dos relatórios do engenheiro Pieter Van Strucht e do bailio do Rio Grande, Jan Houck.
- ⊕ Ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, pela disponibilização dos textos dos artigos de Alfredo de Carvalho publicados nas suas Revistas de 1905 e 1907, em caráter excepcional, durante o período de reforma de seu prédio sede em 2014.
- ⊕ Ao Dr. Valério Mesquita, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, pelo apoio e permissão para a publicação desse artigo na Revista do IHGRN.
- ⊕ Ao Dr. Onesimo Santos, Superintendente do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional no Rio Grande do Norte, pela participação nas viagens ao alto vale do Potengi, e permissão de utilização de algumas de suas fotografias neste estudo.
- ⊕ Aos companheiros do Natal Land Club, pela amizade, companhia, fotografias, e apoio logístico nas viagens ao sertão do Rio Grande do Norte requeridas por este estudo.
- ⊕ A todos que contribuíram direta ou indiretamente para este artigo.

Natal-RN, 7 de setembro de 2014,

Levy Pereira.